

**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DO SUL DE MINAS GERAIS
CAMPUS MUZAMBINHO
Bacharel em Educação Física**

CLEBER ANTONIO GUIMARÃES ALCISIO

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE
MULTIPLICADORES CULTURAIS EM CAPOEIRA ESCOLAR**

MUZAMBINHO

2012

CLEBER ANTONIO GUIMARÃES ALCISIO

**O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM DE
MULTIPLICADORES CULTURAIS EM CAPOEIRA ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharel em Educação Física do Instituto Federal do Sul de Minas-Campus Muzambinho como requisito a obtenção do título de bacharel em Educação Física

Orientador: Professor MSc .Mateus Camargo Pereira

MUZAMBINHO

2012

COMISSÃO EXAMINADORA

Muzambinho, ____ de _____ de 20____

DEDICATÓRIA

Agradeço a Deus por ter me dado mais uma oportunidade de realizar essa tarefa em minha vida. Também aos meus pais e, em especial, a minha companheira pela compreensão e todo apoio que tem demonstrado durante a jornada acadêmica. Valeu a pena ter enfrentado horas e mais horas de viagens que pareciam ser intermináveis, e as noites de sono cada vez mais curtas.

ALCISIO, Cleber Antonio Guimarães. O processo de ensino-aprendizagem de multiplicadores culturais em capoeira escolar. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Federal do Sul de Minas- campus Muzambinho, Muzambinho, 2012.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo debater os resultados da realização de um curso de formação de multiplicadores culturais, baseado numa seqüência pedagógica para ensino de capoeira na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, tendo como referência a tendência crítico superadora de educação física. Para realizá-lo foi elaborado material didático em forma de cartilha, e logo após foram desenvolvidas 7 aulas, aos finais de semana, que contaram com vivências e debates em relação a capoeira escolar e estágio supervisionado de 9 horas em escolas da rede municipal de ensino de Muzambinho. Para avaliarmos a apreensão do conhecimento realizamos coletas de dados nas quais os professores participantes do curso demonstraram o aprendizado através de identificação dos princípios do método, montagens de aulas, acompanhamento no estágio supervisionado e aplicação de algumas aulas. Com tal estudo constatamos que a apreensão do conteúdo difundido no curso de formação de multiplicadores culturais foi bem sucedido, com a ampliação dos conhecimentos dos docentes em relação à capoeira escolar no método proposto.

Palavras chave: capoeira, multiplicadores culturais, ensino aprendizagem

ALCISIO, Cleber Antonio Guimarães. **The process of teaching-learning of multipliers cultural in educational capoeira** - Work of Course Conclusion – Instituto Federal do Sul de Minas- campus Muzambinho, Muzambinho, 2012.

ABSTRAT

This study aims discuss the results of the realization of a training course for multipliers cultural, based on a pedagogical sequence to teach capoeira in early childhood education and the first grades of elementary school, with reference the trend critical surpassing of physical education. To realize it we have prepared courseware shaped booklet, and then was developed seven classes, during the weekends, which involved experiences and debates about educational capoeira and supervised stage lasting nine hours in municipal schools of Muzambinho. To evaluate the understanding of knowledge we perform data collection in which participating teachers demonstrated the learning through to identify of the principles of the method, mounting classes, monitoring stage and application of some classes. With such study we found that the seizure both broadcast at the course for multipliers cultural was succeeded, with the expansion of knowledge of teachers in relation to the educational capoeira in the proposed method.

Keywords: capoeira, multipliers cultural, teaching-learning

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
CAPÍTULO 1 – REVISÃO DE LITERATURA	
1.1 – História da capoeira.....	11
1.2 – O referencial teórico metodológico.....	19
CAPÍTULO 2 – METODOLOGIA	
2.1 – Cronograma do curso de formação de multiplicadores culturais.....	24
2.2 – Curso de capacitação em capoeira escolar.....	25
2.3 – Resultados e discussão.....	28
2.4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
Referencias bibliográficas	42
Apêndices	
Depoimento dos professores participantes do curso de capacitação em capoeira escolar.....	43
Cartaz do curso de capacitação em capoeira escolar.....	50
Ficha de inscrição do curso de capacitação em capoeira escolar.....	51
Cartilha do curso de capacitação em capoeira escolar.....	52

Introdução

Este trabalho surgiu com a necessidade de ampliar e disseminar o conhecimento adquirido em nossa pesquisa de conclusão do curso de licenciatura em educação física. O trabalho “A capoeira na perspectiva da cultura corporal no ultimo ano da educação infantil”¹ teve por objetivo a elaboração de um método de ensino da capoeira como expressão corporal, centrado na história de resistência dos povos negros.

Com vistas a divulgar o método elaborado para outros educadores das áreas de educação física e de pedagogia, elaboramos um curso de multiplicadores culturais de capoeira, tema deste trabalho. Antes de sua montagem e realização, aplicamos um questionário no qual os alunos do curso de educação física do IFSULDEMINAS – campus Muzambinho, relataram seu nível de conhecimento e interesse pela capoeira. Esse levantamento inicial nos mostrou que havia um público interessado em participar de um curso de formação para o ensino de capoeira. Ou seja, possuíamos um método, um público alvo e um espaço disponível para a realização da empreitada. Somado a isso, um interesse manifestado pela secretaria municipal de educação de Muzambinho, em oferecer uma capacitação a seus docentes, depois dos elogios recebidos por ocasião da pesquisa monográfica acima citada.

Desta forma, apresentamos a pesquisa abaixo, cujo tema foi a difusão de conhecimento acerca do ensino de capoeira na perspectiva da cultura corporal através de um curso de multiplicadores culturais em capoeira escolar.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos: o primeiro capítulo registra a elaboração do material pedagógico de referência do curso, servindo de base para futuros trabalhos dentro das aulas de educação física escolar na educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental. A presente cartilha encontra-se no apêndice e que tem a seguinte configuração: a) Breve

¹ALCISIO, Cleber Antonio Guimarães 2011. **A capoeira na perspectiva da cultura corporal no ultimo ano da educação infantil**. Trabalho de conclusão de curso em licenciatura em educação física

explicação do motivo de se ensinar capoeira; b) História relacionada ao período do descobrimento do Brasil e conseqüentemente a vinda dos africanos como escravos e sua luta por libertação; c) Elementos básicos usados na capoeira e suas descrições; d) Princípios metodológicos utilizados como base do método de ensino da capoeira através da perspectiva da cultura corporal, citado na obra Coletivo de Autores²; e) Modelos de aulas realizadas durante o desenvolvimento do método de ensino da capoeira no ano de 2011;

No segundo capítulo tratamos dos materiais e métodos utilizados na realização do curso de multiplicadores culturais, que foi disposto da seguinte maneira: a) sete aulas contendo debates e vivências em torno da capoeira; b) avaliações durante as aulas para visualizarmos se haviam se apropriado do método; c) estágio supervisionado e execução de aulas em escolas da rede municipal de Muzambinho – MG.

No terceiro capítulo discutiremos os resultados alcançados dentro do curso de multiplicadores culturais relacionados à capoeira escolar. Para a finalização do trabalho tecemos considerações acerca do trabalho.

² SOARES ET AL. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Formação dos professores).

Justificativa

Este trabalho é importante porque contribui para a difusão da prática de capoeira desde os níveis iniciais da educação básica, de forma contextualizada. Existem pouquíssimos trabalhos com esta temática para o ensino da capoeira dentro do ambiente escolar.

A educação física brasileira precisa, assim, resgatar a capoeira enquanto manifestação cultural, ou seja, trabalhar com a sua historicidade, não desencarná-la do movimento cultural e político que a gerou. Esse alerta vale nos meios da educação física, inclusive para o judô que foi, entre nós, totalmente despojado de seus significados culturais, recebendo um tratamento exclusivamente técnico (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.76).

Portanto a capoeira incluída no currículo escolar deve deixar sua colaboração no aprendizado do educando, tornando-o um cidadão mais crítico e consciente de suas responsabilidades e deveres com a sociedade.

De acordo com os PCNs da Educação Física (1997, p. 29) a capoeira pode ser incluída na definição abaixo em todos os aspectos:

Entende-se a Educação Física como uma área de conhecimento da cultura corporal de movimento e a Educação Física Escolar como uma disciplina que introduz e integra o aluno na Cultura Corporal do Movimento, formando o cidadão que vai produzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir dos Jogos, dos Esportes, das Danças, das Lutas e das Ginásticas em benefício do exercício crítico da cidadania e da melhoria da qualidade de vida.

Portanto, ao perceber que os futuros profissionais não dominam este conteúdo, torna-se necessário a realização de cursos que ampliem o conhecimento destes futuros educadores e dos que já atuam nas escolas.

Objetivos

Objetivo Geral

Debater os resultados em termos de apreensão do conteúdo veiculado no curso de formação de multiplicadores culturais, baseado na sequência pedagógica para o ensino de capoeira na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.

Objetivos Específicos

- Qualificar estudantes e professores para o ensino da capoeira na perspectiva da cultura corporal nos anos finais da educação infantil e iniciais do ensino fundamental.
- Divulgar a prática da capoeira como expressão corporal.
- Disseminação do método visando o maior número de professores utilizando-o dentro do ambiente escolar.

CAPITULO 1- **Revisão de literatura**

1.1- HISTÓRIA DA CAPOEIRA

Antes de descrevermos essa história sobre os fatos acontecidos no tempo do Brasil colonial, queremos esclarecer que foi elaborada uma síntese da História exclusivamente para o desenvolvimento do método de ensino da capoeira dentro da perspectiva da cultura corporal. Para escrever essa versão da história da capoeira utilizamos como referência as obras de Gilberto Cotrin³ e Divalte Garcia Figueira⁴. Temos que retroceder ao século XV, a partir da chegada dos portugueses no Brasil. Assim que os primeiros colonizadores aqui chegaram se depararam com os habitantes nativos. Homens e mulheres de pele parda e sem vestimentas. Foi um espanto tanto para os europeus quanto para os nativos devido à discrepância de modos e costumes. A intenção dos colonizadores não foi desenvolver a política de boa vizinhança, mas sim de explorar as riquezas aqui encontradas e mandá-las a Portugal para serem comercializadas na Europa. Seus objetivos de exploração no início eram de encontrar minerais valiosos em específico ouro, mas como no início das explorações tal mineral não foi encontrado e a costa litorânea brasileira eram repletas de madeira nobres (Pau-Brasil), muito usadas para o tingimento de tecidos, decidiram então explorá-la. Contudo, para explorar a madeira foi preciso a mão de obra dos nativos. Utilizaram da curiosidade e da ingenuidade dos moradores para fazerem amizade e foram presenteando os mesmos por algum tempo com objetos de pouco valor comercial para os europeus. Em troca os ajudariam com a retirada da madeira e seu beneficiamento. Com o tempo as coisas mudaram. Os índios eram obrigados a realizar tais tarefas, estabelecendo-se sua escravidão. A partir disto começaram os confrontos, massacres dos indígenas, aprisionamento, entre outras atrocidades cometidas pelos colonizadores.

³ História e consciência do Brasil, 2ª EDIÇÃO, 1995.

⁴ História: volume único: livro do professor, editora Ática, 2000.

As reservas litorâneas foram se esgotando e a exploração teria que se adentrar para o interior do Brasil. Daí começaram a surgir vários impedimentos:

- A falta da mão de obra para exploração;
- A escassez de madeira na faixa litorânea;
- O alto custo das viagens de Portugal para o Brasil e vice versa;
- A retirada de matéria prima por Franceses e Holandeses, o que gerou muitos conflitos com os primeiros colonizadores.

Apesar de todos esses contratemplos Portugal já havia avançado muito na questão de expedições marítimas e precisaria dar um destino às terras brasileiras. Dá-se então que essas terras e seu clima eram propícios para o cultivo de um artigo muito caro e de fácil comercialização: a cana de açúcar.

Algumas pessoas de poder aquisitivo foram presenteadas pelo rei de Portugal com extensas faixas de terras no Continente Sul americano ainda pouco povoado. Em troca dessas terras seus “donos” teriam que produzir o açúcar para a Metrópole portuguesa.

Para que se obtivesse a matéria prima desejada se utilizou de mão de obra escrava já que os nativos precisaram ser expulsos de suas comunidades porque se recusavam a fazer tais atividades braçais. Aqueles que não foram mortos foram aprisionados. O jeito foi conseguir mão de obra do continente Africano onde Portugal já se aproveitava há algum tempo do tráfico negreiro. Segundo Cotrin (1995, p.71), entre os séculos XVI e XIX desembarcaram na América mais de 20 milhões de escravos. Cerca de um quinto destes escravos vieram para o Brasil. Todos os negros trazidos para o Brasil pertenciam principalmente a dois grupos lingüísticos: Bantos (vindos geralmente de Angola e Moçambique) e Sudadenses (vindos de Daomé, Nigéria e Guiné). Uma atividade rentável para os portugueses, em especial para as colônias portuguesas, fortalecimento a economia da metrópole.

Trazidos para o Brasil em porões dos navios presos como animais, acorrentados uns aos outros, desembarcaram às centenas. Os navios usados

para o transporte de escravos eram chamados de Tumbeiros, pois a morte era certa para muitos africanos. Estima-se que cerca de 15% dos negros trazidos para servirem de mão de obra escrava morreram antes de chegar ao continente.

No Brasil eram comercializados nos portos e vendidos aos donos de engenhos para fazerem todo tipo de trabalho, tanto homens quanto mulheres e crianças. A vida de um africano no Brasil era estimada entre 07 a 10 anos, como relata o historiador Roberto Simonsen (COTRIN, 1995).

Ao chegar às fazendas eram levados para as senzalas, local onde se recolhiam após as longas jornadas de trabalho. Sua alimentação era precária, a base de mandioca e milho, comida utilizada pelos nativos dessas terras. Os escravos sofriam castigos e açoites freqüentes. Como forma de repressão aos que tentavam fugir, dentre outras atitudes de rebeldia, os castigos sofridos eram realizados na frente de todos os outros escravos. Essas punições envolviam queimaduras com ferro em brasa, mutilações, chicotadas que deixavam a pele ferida. Em seguida, era colocado sal nos ferimentos, o que servia de exemplo para todos os escravos desobedientes.

Dentro das fazendas quem realizava as funções de vigia de escravos eram os feitores. Na maioria das vezes, os feitores eram os próprios escravos que recebiam por estes serviços, ou eram beneficiados com algumas regalias dadas pelo Senhor do Engenho. Eles eram escolhidos dessa maneira, pois era necessário que os vigias fossem conhecedores da forma como os outros escravos pensavam.

Mas as revoltas eram intensas e constantes por parte dos negros, que ao conseguirem se desvencilhar de seus opressores procuravam as matas para se esconderem.

Esse processo esse de busca da liberdade originou as comunidades negras denominadas Quilombos. Dois quilombos dos mais famosos eram o Quilombo dos Palmares situado na região de Alagoas. Recebeu esse nome pela grande quantidade de palmeiras e tinha como líder Zumbi. Sua fama de bravura e coragem correu a região, além de sua destreza corporal, divulgando

uma idéia de que seria invencível. Outro quilombo famoso, o Quilombo de Campo Grande, era situado em Minas Gerais e comandado por Ambrósio.

Como os escravos não concordavam com essa situação, começaram a enfrentar seus opressores, apenas com seus corpos, sem nenhum tipo de arma, ao contrário dos feitores e capitães do mato. Foi pensando nisso que alguns escravos começaram a utilizar de elementos em combates existentes na sua terra natal. Quando uma mulher africana chegava na idade de se casar, para a escolha dos seu futuro companheiro, os pretendentes combatiam entre si com violentas pernadas e cabeçadas, dança essa que tinha por nome N'golo ou Dança da Zebra. Tal nome baseava-se nos movimentos efetuados pelo animal. De volta às senzalas os escravos, em seus horários de descanso ou durante seu momento de trabalho, praticavam e ensinavam aos mais jovens alguns desses golpes e esquivas, pensando no possível embate com seus feitores. Esse pode ser um dos relatos do surgimento da capoeira. Cada escravo que conseguisse sua liberdade através das fugas ao encontrar algum quilombo ali se escondia junto com outros escravos. Ali se deu a proliferação desses movimentos de luta.

Mas esse processo de luta e fuga para matas permaneceu durante os séculos XVII e XVIII. Apartir de meados do século XVIII, mas precisamente em 1831, sob forte pressão inglesa o Brasil promulgou a lei proibindo o tráfico negreiro (COTRIN, 1995). A partir dessa medida tomada pelos ingleses e contrariando os interesses dos proprietários de terras brasileiras surge a expressão “para inglês ver”, porque na prática o tráfico negreiro para o Brasil continuara da mesma maneira.

Já em 1845 a Inglaterra tomou medidas enérgicas contra o trafico de escravos, promulgou a lei conhecida como Bill Aberdeen, que permitia a marinha britânica aprisionar os navios negreiros em qualquer parte do mundo e punir os traficantes junto aos tribunais ingleses. O governo brasileiro com interesse comercial e financeiro no tráfico de escravos vindos da África, tentou coibir a entrada da marinha inglesa em águas brasileiras, mas seus esforços foram inúteis. A Inglaterra estava disposta a acabar com o trafico de escravos,

mesmo que para isso fosse preciso entrar em guerra. Diante disso o Brasil foi obrigado a ceder e em 4 de setembro de 1850 surgiu a lei Eusébio de Queirós, que proibia o tráfico de escravos e autorizava a expulsão dos traficantes do país. Essa medida reprimiu definitivamente a importação de escravos para o Brasil (COTRIN, 1995).

Após a proibição do tráfico de escravos, foram criadas algumas leis a favor da causa abolicionista:

- Lei do ventre livre (1871): declarava livre todos os filhos de escravos nascidos no Brasil.
- Lei dos sexagenários (1885): declarava livres os escravos com mais de 65 anos.

Em 13 de maio de 1888 foi promulgada a Lei Áurea pela princesa Isabel, lei essa que declarava extinta a escravidão no Brasil.

Apesar de libertos a situação dos escravos não estava resolvida, pois após quase 4 séculos de escravidão, os ex-escravos não possuíam recursos financeiros, e a sua maioria voltara a desenvolver as mesmas atividades exercidas no tempo da escravidão, ou seja, continuavam sendo escravos, sofrendo abusos e castigos dos senhores dos engenhos. Em busca da sobrevivência, sujeitavam-se às mesmas atrocidades, pois precisavam se alimentar. Diante disso fica a incógnita: Será que ocorreu a abolição na verdade, ou apenas o negro foi despejado nas ruas?

Um ano após a abolição da escravatura, foi proclamada a República, em 1889. O novo sistema político, entretanto, não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra (DOMINGUES, 2007, p. 102). Ao contrário, esta foi marginalizada. Segundo Andrews:

Seja politicamente em decorrência das limitações da república no que se refere ao sufrágio e as outras formas de participação política; seja social e psicologicamente, em face das doutrinas do racismo científico e da “teoria do branqueamento”; seja

*ainda economicamente, devido às preferências em termos de emprego em favor dos imigrantes europeus.*⁵

Durante o fim do século XVIII e início do século XIX os ex-escravos sofreram com a fome, a discriminação racial, dentre outras agressões. Devido a essas situações se viram sujeitos a praticar as varias funções legais como carregadores, estivadores, mascates, pedreiros e garrafeiros. Morando pelas ruas alguns ex-escravos ficaram vagando e outros voltaram para seus antigos senhores recebendo apenas a alimentação e salário miserável.

Após a proclamação da republica surgiram os interesses políticos e os capoeiristas passam a ser contratados para defender os figurões dessa época e também para hostilizar integrantes de outros grupos políticos.

Outro modo de resistência criado pelos ex-escravos para defender seus interesses foi a criação das Maltas, grupos de capoeiristas armados com navalhas, que praticavam desordem, roubos e grandes confusões, fazendo com que a guarda fosse acionada e na maioria das vezes os combates com a polícia eram iminentes. Com isso a capoeira passa a ser vista como uma prática marginal, pois era praticada na maioria das vezes por negros que já sofriam o preconceito devido ao passado escravo.

A república tem um problema nas mãos: acabar com as confusões geradas pelas maltas. Uma solução encontrada foi a de mandar os capoeiristas apanhados pela policia para a Guerra do Paraguai. Muitos capoeiristas foram mandados para frente de batalha, muitos morreram sem ser reconhecidos e alguns fizeram história devido a vários atos de bravura, pois a maioria dos combates eram realizados corpo a corpo, característica que dava vantagem aos capoeiristas.

Em 1890 a capoeira passa a fazer parte do código penal da republica.⁶

⁵ George Reid Andrews, “ O protesto político negro em São Paulo (1888-1988)”, Estudos afro Asiaticos, no. 21, Rio de Janeiro, 1991, p.32.

Após ser proibida os praticantes foram mortos ou mandados para prisões. Uma das mais famosas se localizava no Arquipélago de Fernando de Noronha. Essa prática agora marginal passou a ser praticada às escondidas e levada para o interior das cidades.

A fama da capoeira corria o Brasil, mas especialmente no Rio de Janeiro, Recife e Salvador alguns capoeiristas escreveram seus nomes na história. Devido às incríveis façanhas realizadas nem sempre com caráter positivo a capoeira se espalha como rastilho de pólvora dando assim sua ploriferação e desvirtuamento. No Brasil, não é apenas praticada pela camada mais baixa da população, mas também por classes mais elevadas.

De acordo com Silva (1995) no início do século XX a capoeira passa a ter algumas regalias devido a interesses políticos. Muitos dos bons capoeiristas eram contratados para serem cabos eleitorais, capangas e secretários de grandes figurões. Nas próprias unidades militares a prática da capoeira era utilizada. Muitos capoeiristas se alistaram na Marinha e foram repassando seus ensinamentos.

Muitos capoeiristas mantiveram sua prática tradicional como o caso de Vicente Ferreira Pastinha, mais conhecido como Mestre Pastinha. Através de seus ensinamentos muitos outros se formaram mestres, mas sempre com a intenção de que não se deturpasse a sua prática e se mantivesse as tradições dos antepassados. Tradições essas vindas dos ex-escravos majoritariamente vindos de Angola. Por isso esse estilo de capoeira ensinada por Mestre Pastinha era chamada de Capoeira Angola.

⁶ Decreto Lei nº 487 do C.P.B. de 11/10/1890:

Art. 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecido pela denominação de capoeiragem, andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal:

Pena de dois a seis meses de reclusão.

Parágrafo Único - É considerado circunstância agravante pertencer a capoeira, alguma Banda ou Malta. Aos chefes, ou cabeças, impor-se-á pena em dobro.

Em 1932 a capoeira começa a tomar um novo rumo. Nasce em Salvador, no Engenho Velho de Brotas, Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba. Jogador de Capoeira Angola resolveu metodizar e aperfeiçoar o ensino da capoeira. A partir da união de golpes de outras lutas como o batuque, capoeira angola e judô, cria-se a Luta Regional Baiana. Com isso a carga negativa obtida pela capoeira no decorrer do século anterior começa a se aliviar chegando a ser reconhecida pela secretaria de educação como modalidade esportiva, relacionando-a com a Educação Física.

Essa nova forma de se praticar capoeira criada por Mestre Bimba recebeu o nome de Capoeira Regional.

Em 1939 o presidente Getúlio Vargas extingue o decreto/lei que proibia as práticas de cultos afro-brasileiros, incluindo-se a capoeira.

Com o passar dos anos foi sendo reconhecida por diversas instituições governamentais e sendo criadas as primeiras associações de capoeira, em seguida o movimento em prol da prática da capoeira está em constante expansão. De acordo com a Associação Brasileira de Capoeira (ABRACAP) a capoeira está presente em mais de 200 países. Segundo ela, a capoeira é o segundo esporte mais praticado no Brasil.

As mortes desses mestres se dão no momento em que a capoeira inicia uma nova fase e que será fundamental para o seu reordenamento atual. Aproximadamente a partir da década de 1970, a capoeira começa a sua expansão pelo exterior, inicialmente nos países europeus.⁷

⁷ Artigo da revista História do esporte, volume 1, número 1, de 1 de junho de 2008.

1.2 O referencial teórico-metodológico

Para a realização de nosso trabalho utilizamos como referencial teórico-metodológico as formulações existente na obra clássica *Metodologia do ensino de educação física*, publicada inicialmente em 1992 e escrita por um coletivo de autores⁸. Obra essa que trata do ensino da educação física de maneira efetiva, balizando o trabalho dos professores, não apenas como um livro de atividades que podem ser utilizadas dentro das aulas de educação física, mas sim para dar autonomia e sustentabilidade ao trabalho docente. A obra

(...) expõe e discutem questões teórico-metodológicas da Educação Física, tornando-a como matéria escolar que trata pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. A metodologia aqui é entendida como uma das formas de apreensão do conhecimento específica da educação física, tratado a partir de uma visão de totalidade, onde sempre está presente o singular de cada tema da cultura corporal e o geral que é a expressão corporal como linguagem social e historicamente construída. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.37)

Para os autores, a Educação Física

(...) é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.33)

O conhecimento é tratado metodologicamente de forma a favorecer a compreensão dos princípios da lógica dialética materialista, totalidade,

⁸ A concepção Crítico-Superadora da educação física está apresentada na obra “Metodologia do ensino de educação física” (1992), escrita pelo Coletivo de Autores (Lino Castellani Filho, Elisabeth Varjal, Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Valter Bracht e Michelli Ortega Escobar). Tal denominação foi dada pelos próprios autores, reivindicando associação com a Pedagogia Histórico-Crítica, sistematizada por Demerval Saviani.

movimento, mudança qualitativa e contradição. (COLETIVO DE AUTORES, 1992). O currículo escolar deve ser capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade complexa e contraditória. Desta forma deve ser:

- **DIAGNÓSTICA** (diagnóstica): que remeterá ao aluno a constatação e leitura dos dados da realidade, de modo que deste ponto se retirará um julgamento;
- **JUDICATIVA** (julgamento): o aluno julgará a ação de acordo com os princípios de cada classe social;
- **TELEOLÓGICA** (transformação): a partir daí será definida uma direção a se seguir, tendo em vista que cada pessoa está incluída em uma classe social, buscando se firmar dentro de sua classe, e sua reflexão poderá ser conservadora, ou seja, mantendo as coisas como são, ou transformadora, com o objetivo de mudar a realidade.

Conhecimento espiralado

Na perspectiva dialética os conteúdos teriam que ser apresentados aos alunos a partir do princípio da simultaneidade, explicitando a relação que mantêm entre si. Objetiva-se desenvolver a compreensão de que são dados da realidade que não podem ser pensados e nem explicados isoladamente. Sendo assim, o conhecimento deixa de ser tratado a partir de pré-requisitos. Busca-se tratá-lo de forma espiralada, ou seja, o conhecimento vai sendo ampliado a cada referência, tornando-se cada vez mais complexo (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.21).

Gesto e História

Dentro desta perspectiva o gesto será entendido como uma peça fundamental do desenvolvimento da História, pois este gesto será entendido pelos alunos como forma de contexto histórico e não solto em seus pensamentos, mas com significado. Busca-se recuperar o sentido daquele movimento. Assim a teoria é abordada no trabalho em forma de conhecimento histórico e o gesto vivenciado dentro do contexto em que foi criado a todo o momento, facilitando o entendimento por parte dos alunos. Esse conhecimento adquirido fará muito mais sentido do que se o fosse ministrado fora deste contexto.

Lógica Dialética

Segundo COLETIVO DE AUTORES, (1992) a reflexão pedagógica do aluno e sua forma de pensar a realidade social ajuda a desenvolver determinada lógica. Para desenvolvê-la apropria-se do conhecimento científico, confrontando com o seu saber, tendo em vista que o aluno não entra na escola como se fosse uma caixa vazia, sem conhecimento, e que o mesmo traz algumas referências oriundas das relações sociais que estabelece em seu cotidiano. A tradição pedagógica, na elaboração de SAVIANI (2008), considera o aluno um depositário passivo de conhecimentos que poderá ser transmitido pelo professor. Ainda que, segundo o mesmo autor, a relação entre professor e aluno apresente uma diferença em termos de nível de conhecimento, o estudante é visto com sujeito e objeto do processo pedagógico. Na Educação Física, a pedagogia tradicional se balizou por um método de ensino de cunho tecnicista, no qual os conteúdos eram restritos ao saber fazer e o ensino se dava pela repetição dos gestos realizados pelo docente. Na perspectiva da cultura corporal o aluno apreende e transforma o conhecimento (tese, antítese e síntese). O movimento é vivenciado, resignificado e transformado. Sendo assim, o conhecimento será transmitido dentro da sua totalidade, de acordo com a realidade. Elabora-se um saber científico adquirido nas instituições de ensino, superando o senso comum.

2 - Metodologia

2.1 - CRONOGRAMA DO CURSO FORMAÇÃO DE MULTIPLICADORES CULTURAIS

1ª AULA 24/03/2012	Apresentação geral das atividades a serem desenvolvidas durante o curso de multiplicadores culturais, entrega do material didático e tomada de contato com os princípios do método.
2ª AULA 31/03/2012	Aula de identificação dos princípios do método em aulas pré-estabelecidas fornecidas pelos idealizadores do curso e aula prática (atividades relacionadas ao tema capoeira).
3ª AULA 14/04/2012	Desenvolvimento de temas de aulas e atividades a serem desenvolvidas para trabalho escolar de um bimestre na educação infantil e aula prática (brincadeiras embasadas no percurso histórico).
4ª AULA 28/04/2012	Exposição de aula pré-determinada e recriação do mesmo tema com outros elementos criados pelos professores do curso, aula prática (exposição de instrumentos musicais e desenvolvimento de toques e cantos relacionados a capoeira)
5ª AULA 05/05/2012	Aula prática na praça central de Muzambinho (rua de lazer), oficina de capoeira com participação de crianças de faixas etária diferentes. Os alunos foram divididos em vários grupos onde os professores do curso ficariam responsáveis por desenvolver atividades relacionadas a capoeira. No momento de encerramento roda de capoeira para os alunos da oficina.
6ª AULA 12/05/2012	Apresentação de aulas confeccionadas pelos alunos do curso e apresentadas através de seminários para todos os participantes, aula prática (desenvolvimento de principais golpes, esquivas e floreios (acrobacias)
7ª AULA 19/05/2012	Encerramento do curso, contamos com a participação de outros mestres de capoeira e alunos, e o tema foi a comparação entre o método tecnicista e o método da perspectiva da cultura corporal. Aula de capoeira, maculelê, roda de capoeira e almoço de encerramento das atividades.

Logo após as aulas foi realizado o estágio supervisionado.

2.2- Curso de capacitação em capoeira escolar

Para darmos início ao curso de formação de multiplicadores culturais executamos as seguintes etapas:

1-Antes de realizarmos as aulas foi elaborado o material didático em forma de cartilha, que foi distribuído gratuitamente aos participantes.

2-Formulação do modelo do curso; carga horária, número mínimo de horas para a obtenção de certificado, número máximo e mínimo de participantes por período relação dos materiais a serem utilizados.

3-Reunião com a secretaria de educação, para discutirmos a implantação do curso em parceria com a prefeitura municipal de Muzambinho;

4-Reunião com a coordenação do curso de educação física para realização do curso em suas dependências;

5-Divulgação do curso:

a) na rede municipal e particular através de cartazes e breve conversa com os dirigentes das instituições de ensino, e que eles repassassem aos interessados;

b)Divulgação nos meios de comunicação, rádio local, site do jornal da cidade, site do IFSULDEMINAS;

c)Divulgação nas salas de aulas do curso de educação física do CeCAES;

6-Após a divulgação abrimos as inscrições nos seguintes locais:

- Secretaria de educação de Muzambinho;
- Secretária do Cecaes;
- E diretamente com o proponente do curso.

A priori o curso foi esquematizado com 2 turmas de 20 alunos, sendo uma no período da manhã e outra no período da tarde.

Após a abertura das inscrições estabelecemos um prazo de 15 dias para serem feitas, em seguida seria feita uma triagem para a seleção dos interessados.

Passados o período das inscrições pudemos notar que poucos se interessaram pelo curso. Apenas uma professora da rede municipal de ensino se inscreveu, e a maioria dos inscritos eram alunos do curso de educação física. Levando-nos a entender que por ser realizado nos finais de semana, isso influenciou no número de inscritos. O curso que seria realizado em dois turnos precisou ser alterado e foi realizado apenas no período da manhã.

Nas fichas de inscrições a maioria dos interessados propuseram-se a participar no período da manhã. Não foi atingido o número mínimo para a realização do curso à tarde, que seria de 10 alunos. O total de inscritos foi de 22 alunos de ambos os gêneros, para o período da manhã.

Para a realização das atividades foi nos cedido:

- Sala de aula, com um computador e um aparelho de data show e lousa;
- A sala de Ginástica artística;
- Quadra poliesportiva.

Os encontros aconteceram aos sábados, das 9 às 12 horas. Durante as aulas o número de participantes variou de 9 a 17 alunos participantes.

As aulas foram divididas em debates sobre temas da capoeira (história, golpes, músicas etc.) e vivências vinculadas aos temas, sendo que os 7 encontros contaram com as duas formas de aprendizado do conhecimento. Também foram apresentados aos alunos modelos de aulas criados na primeira pesquisa de campo redigida por nós.

Antes da realização do curso foi feita uma avaliação de sondagem dentro do IFSULDEMINAS- Campus Muzambinho- prédio Cecaes, onde os cursos de licenciatura e bacharel em Educação Física são desenvolvidos. Esta avaliação

se deu através de um questionário que tinha por objetivo averiguar qual o grau de envolvimento e conhecimento sobre a capoeira. O resultado obtido não foi satisfatório, pois quase 70% dos alunos não conseguiram responder as questões pré-elaboradas nesta avaliação, deixando muitas delas em branco ou incompleto.

Para mensurar o resultado do curso foram realizadas 5 avaliações, sendo elas:

- Desenvolvimento de texto relacionado aos princípios pedagógicos do método de ensino da capoeira;
- Identificação dos princípios do método em aula apresentada aos alunos do curso;
- Montagem de cronograma de aulas de capoeira para um bimestre de trabalho em uma escola;
- Montagem de aulas de acordo com o método de ensino da capoeira através da perspectiva da cultura corporal;
- Aplicação dessas aulas no estágio supervisionado.

De acordo com os resultados obtidos com os alunos envolvidos no curso de multiplicadores culturais, este se mostrou viável e de fácil aplicabilidade na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental.

2.3- Resultados e discussão

Na execução do curso propusemos que os participantes se nominassem de acordo com a realidade na época da escravidão. Os professores foram identificados por apelidos, escolhidos por eles mesmos, e logo abaixo serão apresentados.

Diante do que foi elaborado durante os dias de curso e o estágio supervisionado, notou-se que os integrantes não tinham o conhecimento sobre os fatos históricos da capoeira, portanto era muito difícil aos mesmos a elaboração de aulas. Após adquirirem o material didático e iniciarem seus estudos, o método passou a ficar mais claro, pois sem ter idéia de como os fatos históricos aconteceram, as aulas dentro desta perspectiva não seria possível.

Para a realização deste método de avaliação de compreensão dos princípios pedagógicos foi utilizado à seguinte forma:

- Através de slides com as definições dos princípios e debates acerca de cada um deles;
 - Texto produzido individualmente com a definição sobre cada princípio do método
- Identificação dos princípios do método em aula apresentada aos alunos do curso;
- Em atividade de grupo os alunos descreveram de acordo com a atividade desenvolvida na aula de capoeira, e agregando os princípios metodológicos ao processo histórico e a atividades proposta aos alunos.
- Montagem de cronograma de aulas de capoeira para um bimestre de trabalho em uma escola;

- Cada aluno do curso de acordo com seu conhecimento em relação ao percurso histórico elaborou um cronograma a ser utilizado dentro de suas aulas de educação física escolar. O organizador do curso propôs que os alunos foram contratados por uma escola de educação infantil e fundamental do primeiro ciclo, e para dar início a suas atividades profissionais teriam que montar seu planejamento anual, dividido por bimestres, e um deles o conteúdo capoeira escolar deveria ser descrito. Seriam duas aulas semanais de 50 minutos durante um bimestre. Diante disso os alunos descreveram um cronograma de aulas para aplicar em seus planos de aulas.

- Montagem de aulas de acordo com o método de ensino da capoeira através da perspectiva da cultura corporal;

- Após 5 aulas no curso de multiplicadores culturais, cada aluno desenvolveu suas aulas de acordo com o método, criando uma seqüência a ser aplicada dentro das aulas no estágio supervisionado após o término do curso, alguns alunos começaram seus estágios antes do término do curso, poupando o tempo e passando mais tempo em contato com o método. As aulas foram lidas e interpretadas pelos organizadores do curso, corrigidas e entregues aos alunos.

- Aplicação dessas aulas no estágio supervisionado.

- As aulas durante os estágios foram divididas em dois momentos, auxílio as aulas ministradas e docência nas aulas. Nos acompanhamentos das aulas o aluno do curso teve a oportunidade de vivenciar o método com diversas faixas etárias, sendo educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental. O estágio surgiu como uma boa oportunidade de integração entre os proponentes do curso e os alunos, pois algumas atividades realizadas dentro das aulas de capoeira foram acrescentadas,

devido a outra interpretação dos fatos históricos e da interação com os alunos executores das atividades.

Também existiram algumas falhas no estágio supervisionado:

- Faltas dos alunos nos horários estabelecidos para aplicação de suas aulas nas escolas;
- Equívoco com a turma a ser trabalhada, como por exemplo, o aluno trouxe uma aula para alunos do terceiro ano e a turma que estaria disponível era de educação infantil;
- Numero excedente de estagiários nas aulas ou nenhum estagiário presente na aula, falta de comunicação entre os estagiários;
- Não cumprimento das 9 horas estabelecidas para a conclusão do curso.

A partir disso nos focaremos apenas no que foi realizado dentro das aulas e do estágio supervisionado.

Para avaliarmos a apreensão do conhecimento em relação aos resultados obtidos com montagens das aulas e aplicação dentro do estágio supervisionado, a partir das três categorias: Diagnóstico, julgamento e transformação. Abaixo foram citadas algumas aulas desenvolvidas e aplicadas pelos professores:

Professor Carmo

Sugeriu uma aula dos combates das tribos através de jogos populares envolvidos dentro das aulas de capoeira. No caso sugeriu uma queimada, sendo as equipes constituídas de negros de tribos rivais e onde os perdedores se tornariam escravos. Também cita dentro dos ataques e defesas as formas

de movimentos que os alunos utilizam, muitas das esquivas se parecem com movimentos de defesa da capoeira, e ataques com saltos e giros que são usados dentro do jogo da capoeira.

Professor Curintia

”Pra mim montar essas aulas dentro dessa nova perspectiva de ensino da capoeira não está sendo fácil. Mas após as aulas no curso abriram meus pensamentos e o modo de pensar. Uma aula que deve ser abordada no meu conteúdo escolar seria a aula dos quilombos onde desenharíamos os quilombos no chão para que cada aluno tenha o seu e uma criança sendo o negro fujão terá que correr pra se proteger do capitão do mato dentro de um quilombo colocando um que já está protegido em um quilombo pra fora, mudando o negro fujão, e esse se for capturado inverte sua posição de corredor pra pegador. Podendo variar essa brincadeira para alunos mais velhos e mais experientes. A variação é quando o pegador vai trocar assim que o negro fujão entrar no quilombo, o negro expulso passa a ser capitão do mato, uma forma mais complexa”.

Professora Pretinha

“Na África o contato com os animais sempre foi uma coisa normal para os negros que la moravam, portanto trabalhar esses animais com as crianças é de extrema importância. Então eu trabalharia essas crianças com fotos desses animais e dividiria os alunos em grupos com nomes de animais de origem africana mostrando a diferença entre os nossos animais que convivemos, através de movimentos e sons, mostrados na aula de vídeo onde será exposto alguns animais. Após isso será feito uma troca de grupos onde todos passaram por todos os animais mudando de modo de se movimentar e reprodução dos sons. Logo após os alunos seriam induzidos a montar outros movimentos de outros animais que eles têm convívio e reproduzirem seus hábitos. Com isso desenvolveríamos a autonomia do aluno e a criatividade de cada um dos

envolvidos. E observar através desses movimentos a relação com os movimentos usados na capoeira”.

As formulações das aulas expostas pelo professor Carmo, professor Curintia e professora Pretinha nas aulas acima descritas, nos leva a entender que o movimento de escravidão naquele tempo se compara a algumas coisas existentes no nosso cotidiano. O Coletivo de autores defende que a Educação Física deve ser um meio de identificar, interpretar e transformar a realidade. Entretanto, não se defende que abramos mão de ensinar os conteúdos da cultura corporal, mas que eles sejam ensinados contextualizando o surgimento do gesto. A busca do diagnóstico da realidade pode ser encontrada nas aulas acima expostas. Nos dois primeiros, a brincadeira utilizada como recurso didático ilustra a situação social na qual os negros estavam inseridos. Desta forma, a aula representa um diagnóstico da realidade, um dos momentos da reflexão pedagógica elencada pelo Coletivo. Nessas aulas, muitas vezes os alunos expressam sua compreensão da realidade ilustrada, fazendo links com o momento atual. Quando da implementação da aula relatada pelo professor Carmo, o aluno de seis anos o interrompeu, fazendo um julgamento da realidade, com a seguinte fala:

“Um homem pulou o muro perto da minha casa e queria pegar uma galinha, mas um vizinho viu e gritou ou ladrão de galinha, ele pulou o muro correndo e entrou num matinho perto dali, o dono da casa foi olhar pra ver se achava ele, mas não achou ninguém”.

De acordo com a compreensão deste aluno o homem queria comer a galinha deveria estar com fome. Dando-nos a idéia que o ser humano não vive sem o alimento e para isso se sujeita a qualquer coisa. Relacionado ao tempo da escravidão os negros trabalhavam muito para comer e quem não trabalha não come.

Outro fato ocorrido dentro das aulas, mas por parte dos professores que ministravam as aulas dentro do estágio supervisionado. Os alunos estavam representando os quilombos, com dois alunos em pé, um de cada lado com as mãos representando um telhado, e um aluno protegido dentro deste quilombo. Com o passar dos minutos esses alunos foram perdendo a vontade de ficar com os braços para cima, e ficando apenas em pé, prejudicando o andamento da atividade. O professor Curintia percebendo isso alterou a atividade, desenhando alguns círculos no chão, representando os quilombos. Dando mais dinâmica a essa atividade, portanto todas as crianças que representavam quilombos não precisavam mais ficar ali paradas dando suporte para os outros se divertirem. Mostrando a apreensão do método, pois, ele recriou em cima de uma atividade que ele mesmo desenvolveu. Através disso reafirma que o conhecimento não é estanque e sim pode ser modificado de acordo com as necessidades do dia a dia.

Também dentro das aulas os questionamentos dos alunos:

Por que esses africanos não se juntavam e fossem falar com os donos das fazendas, que eles não queriam ser escravos, e se eles não concordassem que não iriam mais trabalhar para eles e iriam embora.

Os alunos compreenderam que a vida na senzala era sofrida e que aquilo não estava certo e precisaria ser mudado. Não levando em consideração que estavam bem longe de suas casas, e para voltar a África seria impossível, e teriam que se arrumar por ali mesmo.

A professora pretinha usa de figuras para comparar alguns animais da África com os existentes aqui no Brasil, as pessoas que lá habitavam e as que existiam aqui no Brasil e os Portugueses. Nessa aula o diagnóstico dado pelos alunos:

Só porque eles eram negros eles teriam que ser escravos? Por que pessoas de outros lugares tinham que se mudar para conseguir mais riquezas? Que dentro da escola existiam crianças que ficavam chamando outros de negro do

cabelo duro, e os mesmos ficavam nervosos por causa dessas ofensas, e que a professora disse que não se pode fazer isso, que é feio.

Hoje ainda este embutido em algumas pessoas que a raça negra é diferente das demais raças, que o preconceito racial ainda faz parte da nossa sociedade, e que isso não pode acontecer. Esse processo de transformação da realidade é evidente para os alunos, que as pessoas são todas iguais e que a única diferença é a cor da pele. Que todas as pessoas tem direitos iguais mesmo não sendo uma verdade absoluta, que ainda há preconceito dentro da sociedade.

Professor Au

“Muitos dos movimentos de capoeira foram criados observando os animais e fenômenos naturais, então observaríamos alguns movimentos animais e tentaríamos reproduzir, mas de forma ordenada os alunos seriam divididos em grupos variados, como terra, água, ar, fogo, já utilizando dos desenhos animados em questão AVATAR. Cada um dos alunos criaria um movimento relacionado ao tema de seu grupo. Depois mudaríamos para grupos animais e tantas outras formas, como esportes, brincadeiras etc. E após esse momento tentar perceber a relação que o aluno faz com o movimento e o título do grupo. Lembrando que antes de iniciar essas atividades os alunos seriam orientados através de uma história contada pelo professor, que relacionaria a história com o percurso da trajetória negra no Brasil”.

Há também dentro das aulas alguns equívocos perante o método historicizado. Nesse texto acima o professor Au faz uma relação estórica com intuito de fazer com que o aluno compreenda o percurso histórico. Esse método de estoricizar é muito utilizado dentro da teoria da psicomotricidade que utiliza da fantasia dos alunos pra ajudá-los no processo ensino

aprendizado. Isso não é a proposta do curso de Multiplicadores culturais que tem a finalidade de desenvolver a consciência do aluno em relação a fatos ocorridos e que ele compreenda e tente mudar a realidade deste contexto.

Professora Galega

“No início de uma aula relacionada a capoeira seria exibido algumas figuras de como os negros foram traduzidos para o Brasil. Mostrando as correntes, os barcos, o sofrimento que essas pessoas sentiam ao serem transformados em escravos. A seguir encenaríamos o processo de escravidão de acordo com que os alunos entenderam com as figuras e os fatos discorridos pelo professor. As correntes seriam feitas de papel sulfite em forma de argolas simbolizando a prisão dos negros, com os alunos enfileirados com as mãos para trás entoariam uma canção (marinheiro só) para entrar no barco, feito de um grande banco de madeira, e os alunos sentariam de forma de montaria em cavalo, começariam a remar simbolizando o barco no mar e seu balanço para frente e para trás. Essa aula seria usada para crianças menores, nos últimos anos da educação infantil”.

Outra proposta exibida pelos professores do curso foi a de utilizar a cartilha confeccionada para ajudar na montagem das aulas, como um mero receituário. Que suas atividades seriam realizadas de acordo com o que ali estivesse exposto. Um fato que nos levou a entender que alguns professores não se apropriaram do método, pois o intuito desse curso foi divulgar o método de ensino da capoeira dentro da perspectiva da cultura corporal, mas de forma autônoma. Que essa cartilha sirva de base para seu trabalho e não como fim e que esse professor possa criar, melhorar, ampliar esse material oferecido.

Professora Purga

A sua interação com os alunos foi um pouco mais complicada devido os alunos não a compreenderem perfeitamente, devido a sua nacionalidade colombiana,

e seu português não favorecia o entendimento das atividades. Portanto em suas aulas mesmo como observadora ou professora sempre estava acompanhada de outro aluno do curso, para ajudá-la no entendimento de algumas frases ou em alguma atividade que não era compreendida.

Uma de suas aulas foi à libertação dos escravos, e foi proposto por ela um jogo de amarelinha, onde cada número significava uma parte do período da escravidão e o último número era a alforria dos escravos. Não foi fácil terminar o jogo durante a aula, mesmo tendo utilizado de 6 amarelinhas desenhadas na quadra, com três alunos em cada uma delas. Em cada número ou fato ocorrido na História da escravidão o aluno se movimentaria de uma forma, e não apenas saltando com um e dois pés. Esses movimentos são sugeridos pelos alunos, somente no início a professora exemplifica como será realizada a atividade.

Na aula descrita pela professora Purga notamos que para realizar uma aula de acordo com o método de ensino da capoeira ela utiliza de vários momentos do percurso histórico para chegar a um fato ocorrido. Com essa maneira de executar a apreensão do conhecimento da capoeira, a professora trabalha com seus alunos a retomada de outros momentos usados em aulas anteriores. Com isso fica claro que os princípios norteadores do método são demonstrados na aula de educação física. De acordo com o Coletivo de autores (1992) temos que fazer com que o aluno se aproprie do conhecimento a cada aula, e no decorrer do tempo escolar ele possa compreender como esses movimentos foram sendo criados ao longo da História e modificados de acordo com as necessidades do ser humano. Relacionar o gesto com cada período histórico é uma forma de expressar a relação gesto e história, ou seja, que esses gestos foram modificados dentro da atividade proposta pela professora, na maioria das vezes o aluno os modifica a partir de seu modo de enxergar a realidade.

Professor Dogão

Dentre todos os professores participantes do curso o professor Dogão foi o que mais pode participar das aulas do curso de capacitação do estágio supervisionado. Devido ao final do período letivo do curso de bacharel em educação física, o proponente do curso sendo professor contratado pela secretaria municipal de cultura de Muzambinho teria que deixar seu cargo de professor de educação física, mais precisamente na área de atividades culturais. Com isso precisaria de um estagiário durante sua atuação nas escolas municipais, e o professor Dogão se demonstrou interessado em dar continuidade a essas aulas. Por isso a maior participação nas aulas de capoeira dentro desta perspectiva. Dentre todas as aulas ministradas pelo professor Dogão citaremos a aula que trata dos mestres de capoeira Pastinha e Bimba.

Nesta aula o professor mostra aos alunos que a capoeira foi modificada com o tempo de acordo com a evolução do período histórico que a capoeira se encontrava. As diferenças já tinham sido expostas em outras aulas, e nesta o professor trabalhou com os alunos a diferença de velocidade dos estilos de capoeira. A capoeira que Mestre Pastinha utilizava era a Capoeira Angola e Mestre Bimba a capoeira Regional. A atividade desenvolvida para iniciar a aula foi a retomada das aulas nos dois estilos e em seguida o professor sugeriu um pique da capoeira. Nesta brincadeira os alunos se movimentariam de acordo com o som do Berimbau. Esse instrumento já havia participado de outras aulas, portanto os alunos já o conheciam e a seus toques característicos da capoeira. A medida que os alunos corriam o toque era mudado e a velocidade era alterada, hora com corridas, hora com pequenas passadas, cadenciando a brincadeira. Sempre trocando os pegadores, e a forma de se pegar. No começo o professor avisava que o toque havia mudado, a medida que a brincadeira foi sendo apropriada pelos alunos ela não mais avisava, e os alunos mudavam sua velocidade apenas com a sensibilidade ao ouvir os toques do berimbau.

Na aula citada acima o professor Dogão já possuía algum conhecimento em relação à capoeira, pois a havia praticado por muito tempo em sua infância. Por isso o manuseio do berimbau e os toques não precisaram ser ensinados e os estilos de capoeira para ele já eram familiares, facilitando o desenvolvimento de suas aulas dentro desta perspectiva.

A simulação dos jogos de capoeira nos dois estilos através do pique pega não foi uma criação do professor Dogão, pois já se usa nas aulas de capoeira esse tipo de atividade. Mas se tratando do âmbito escolar é uma reformulação de uma atividade adaptada a esse contexto. Nota-se que a compreensão por parte deste professor se deu através de movimentos já executados nas aulas de capoeira com os comumente usados nas aulas de educação física e os remontados para essa perspectiva. Com a inclusão de instrumentos musicais, estilos de jogo de capoeira, personagens históricas responsáveis pela propagação da capoeira no mundo. Ou seja, os diagnósticos dos dados da realidade ficam evidentes nessa formulação.

Professor Raposa Negra

Elaborou uma aula de capoeira nesta perspectiva usando a imaginação dos alunos, incentivando-os a realizar alguns movimentos de capoeira. Nesta aula o professor Raposa Negra vai desenvolvendo um enredo historiado contando aos alunos sobre como os golpes de capoeira surgiram, que os negros observando os animais e fenômenos naturais. Após esse momento ele libera os alunos para que de acordo com a história contada os alunos reproduzam alguns movimentos. Mas isso não deu certo, os alunos elaboravam movimentos aleatórios, muitas vezes inspirados não pela história contada, mas sim por desenhos animados exibidos na televisão. O professor vendo que sua metodologia não havia contribuído para o desenvolvimento dos golpes de capoeira ele resolveu exibir alguns golpes utilizados nas rodas de capoeira. Com isso os alunos se interessaram e começaram a imitá-lo, aprenderam alguns golpes e esquivas, mas esse não era a proposta da

aula, já que ele tinha por objetivo desenvolver esses golpes de acordo com a história.

De acordo com a aula acima citada aborda-se o conteúdo na criação dos golpes da capoeira de modo que o processo diagnóstico é usado de maneira correta dando sentido a história da criação desses movimentos. Mas os alunos não conseguiram compreender deste modo, ou seja, sua realidade no que quer dizer “golpes” eles fizeram a ligação com o que lhes é exibido pela televisão. A fase de julgamento no processo pedagógico, após a demonstração dos golpes pelo professor foge do que é pregado pelo método de ensino da capoeira na perspectiva da cultura corporal. Já que esses modelos de repetição dos movimentos não condizem com essa metodologia. Visar apenas a aprendizagem de um movimento de forma tecnicista e sem sentido não é nossa intenção. Como o autor abaixo nos descreve:

A capoeira não pode ser vista apenas como um conteúdo eminentemente técnico, como geralmente são tratadas as demais modalidades desportivas já consagradas no âmbito da Educação Física, nem tampouco como uma manifestação folclórica vista a partir de uma visão ahistórica, que trata de um produto pronto e acabado. A capoeira não pode ser entendida somente como produto, ela é também processo, ou seja, há que se perceber o modo como ela é socialmente elaborada (FALCÃO, 1996, p.69).

2.4 -CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho foi elaborado um curso de formação de multiplicadores culturais, oferecido gratuitamente para professores de educação física e pedagogos e alunos de graduação dessas áreas na cidade de Muzambinho. Para a realização contamos com a parceria da Prefeitura Municipal de Muzambinho, IFSULDEMINAS – campus Muzambinho (curso de educação física). Esse curso foi a continuação do nosso trabalho de conclusão de curso em licenciatura em educação física, no qual foi desenvolvido um método de ensino da capoeira através da perspectiva da cultura corporal para crianças do último ano da educação infantil. E para que esse método que se demonstrou viável e de fácil aplicabilidade dentro das aulas de educação física escolar, resolvemos aumentar o número de professores detentores desse conhecimento já que o conteúdo capoeira é pouco utilizado dentro das aulas de educação física escolar. E na maioria das vezes ele se apresenta dentro de algumas escolas em outras oportunidades, como em projetos sociais e parceria com as escolas e a comunidade, e sob a coordenação de um mestre de capoeira. A oportunidade de aumentar os conhecimentos desses professores nos motivou a elaborar e executar este curso.

Os participantes que se propuseram a adquirir esse conhecimento se empenharam nesta tarefa, realizada nos finais de semana. Falando em resultados os professores que conseguiram concluir o curso se mostraram competentes para desenvolver esse tipo de conteúdo em suas aulas, e que a apreensão do método ocorreu de forma satisfatória para boa parte deles, o que pôde ser visualizado durante o processo de realização do curso e nos estágios supervisionados.

. Além disso, iniciam-se novas perspectivas para a utilização desse método para outras modalidades esportivas e culturais.

Alem de ampliarmos o conhecimento dos professores também estamos dando novas opções aos alunos, desenvolvendo uma cultura pouco trabalhada

nas escolas e mostrando que a História desenvolvida nessas aulas vai ao encontro com a realidade vivida por um povo, tornando nossos alunos mais capazes de entender as questões sociais e políticas.

Diante disso novos estudos devem dar seqüência no tema abordado nesta pesquisa, contribuindo para a evolução desta temática pouco utilizada dentro do âmbito escolar.

Referencias Bibliográficas

ALCISIO, Cleber Antonio Guimarães. **A capoeira na perspectiva da cultura corporal no ultimo ano da educação infantil**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso – Instituto Federal do Sul de Minas - campus Muzambinho, Muzambinho, 2011.

COTRIN, Gilberto. **História e consciência do Brasil**, 2ª EDIÇÃO 1995.

FIGUEIRA, Garcia; DIVALTE; **História: volume único: livro do professor 1ª Edição** São Paulo: Ática, 2005.

GEORGE, Reid Andrews, **O protesto político negro em São Paulo (1888-1988)**, Estudos afro Asiáticos, no. 21, Rio de Janeiro, 1991, p.32.

Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental Educação Física**. Brasília, 1997, p.29

Revista História do esporte, volume 1, numero 1, de 1 de junho de 2008.

SOARES ET AL. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992. (Formação dos professores).

SILVA, Paula Cristina da Costa,p.29. **O ensino aprendido da capoeira nas aulas de educação física escolar**. Tese de doutorado para a Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas 2009.

www.centralesportiva.com.br/portal/noticia?idmateria=1244246420, Acessado em 07/02/2012

Apêndices

DEPOIMENTO DOS PROFESSORES PARTICIPANTES DO CURSO DE CAPACITAÇÃO EM CAPOEIRA ESCOLAR

Professora Petreca

Que não tem nenhuma experiência como praticante de capoeira e também como pouco acesso a história, como surgiu como se desenvolveu, mas sempre tive vontade de conhecer e de poder passar para as pessoas esse conhecimento, eu na minha época de escola fundamental e médio não tive acesso. Eu praticamente sei pouco sobre capoeira, minhas poucas experiências ocorreram pelos livros de história e poucas vezes pela televisão. A capoeira é muito importante para nós pelo fato de ter marcado a nossa história.

Gisele Petreca Leal

Professora Purga

A importância da capoeira e seu conteúdo estou conhecendo aqui no Brasil, pois na Colômbia a capoeira não tem um significado cultural e histórico que para o povo brasileiro tem, lá a capoeira é uma mistura de dança com luta mas ninguém conhece sua história, de onde ela vem, porque surgiu, se for perguntar a algum praticante da capoeira na Colômbia isso não é passado a eles durante seu treinamento.

Para mim é muito bacana conhecer este estilo de vida e de como pode ser usado para que a criança conheça sua história e pode brincar e desabrochar sua expressão corporal.

Um dos conteúdos mais legais da aula para mim é que a capoeira ensina um estilo de vida, não procura um corpo forte, a pessoa mais forte, ela procura ensinar através de sua história de como um povo que por meio de sua expressão corporal deixa um ensinamento para a vida dos outros, por isso eu

quero conhecer a capoeira porque meu povo colombiano tem um legado muito grande e importante com os nativos afrodescendentes e os escravos.

Catalina Gutierrez Gomes

Professor Curintia

Somente pratiquei capoeira uma vez na minha vida, foi no primeiro semestre de 2011 em Barbacena (IFSUDESTE de MG), no grupo Senzala RJ, com o professor Bruno, que estudou na minha sala e me contagiou com as histórias. Teremos no Curso de Educação Física o conteúdo “cultura afro”. Meu interesse com relação à capoeira é para não chegar muito cru na futura aula de cultura afro. Também vim por causa do professor Mateus que me ensinou que quando sabemos história entendemos melhor a nossa realidade num futuro próximo.

Paulo de Galvão Farias

Professor Lobo

Tive experiência sobre a capoeira apenas no ensino médio nas aulas de história, onde a capoeira era uma prática utilizada pelos escravos.

Meu interesse com a capoeira porque não tenho noção nenhuma de capoeira tanto para a prática quanto a história e uma forma de aumentar meus conhecimentos em uma área desconhecida.

Lucas Thomaz Gonçalves de Oliveira

Professor Au

Meu conhecimento na capoeira teve seu início nos meus 10 anos, por volta de 1985. Mas eu não era praticante, isso que era mais engraçado. Na

época quem praticava capoeira era meu irmão, e como ele era mais novo eu o levava nas aulas de capoeira, e como eu não era bobo ficava só observando como era passado para os que estavam fazendo, como o gingado, os golpes e nisso fui compreendendo como era a capoeira. E o melhor de tudo era quando chegávamos em casa eu e meu irmão, a gente colocava em pratica o que ele aprendeu e o que eu observava. Ai você imagina como era, e logo minha mãe estava separando uma briga. Um fato que ficou marcado para mim foi uma vez que estávamos na praia e começamos a fazer uma graça, um ginga daqui outro faz um golpe dali, quando um capoeirista apareceu e começou a fazer mortais e mais um tanto de coisas, foi a mesma coisa de jogar água no fogo, paramos naquele momento e saímos de fininho. Isso ficou muito marcado para mim.

Paulo Marcos

Professora Galega

Para falar a verdade não tenho nenhuma vivência alguma com capoeira, já assisti algumas apresentações de rodas de capoeira, acho muito interessante tudo que está ligado a essa luta, dança, seus ritmos, movimentos, instrumentos e principalmente a musica que é muito marcante.

Tenho certeza que este curso vai ampliar as minhas aulas, pois é algo a mais para transmitir as crianças do PROETI, programa esse que trabalho como professora de educação física.

Elisângela Roberta Sherer

Professor Raposa Negra

Meu primeiro contato com a capoeira foi aos 8 anos de idade, onde meu irmão fazia aulas e me passava alguns movimentos que ele aprendia nas suas

aulas, tais como: Macaquinho, estrela, martelo, chute, roda baiana e outros. Porém no meu melhor momento de desenvoltura eu quebrei o braço, recuperei 45 dias depois e trinquiei o antebraço, aí minha mãe proibiu de jogar capoeira. A partir deste momento eu apenas acompanhava as rodas de capoeira, onde meu primo treinava mais eu nunca mais joguei capoeira.

E meu objetivo com este curso é aprender uma didática correta de trabalhar o conteúdo capoeira assim como passar os movimentos da capoeira.

Juliano José da Silva

Professor Carmo

Minha história com a capoeira teve início na infância, pois venho de uma família considerada grande, onde sou o mais novo.

Na ocasião, meu irmão mais velho tinha se mudado para uma cidade do interior de São Paulo e aproximadamente 10 anos praticou a arte da capoeira, tornando-se neste tempo professor. Entre suas visitas a Minas meu irmão me ensinava a arte em todos seus aspectos, cultural e histórico.

Depois de quase uma década meu irmão voltou a residir na cidade e trouxe a capoeira para Carmo do Rio Claro, sendo este o 1º grupo de capoeira da cidade em questão.

Durante aproximadamente 5 anos fui atleta deste esporte, participando de inúmeras apresentações e alguns campeonatos, chegando na corda azul (terceira corda na classificação do grupo). Mas por obra do acaso, após sofrer um atropelamento e ter uma grave lesão no joelho tive de encerrar minhas atividades na arte, ficando agora apenas com espectador e admirador apaixonado da arte e com sentimento total de felicidade, pois aprendi muitos princípios com a capoeira, além dela ter me propiciado um elo com meu irmão mais velho, que por muitas vezes devido à diferença de idade e gostos permanecia distante.

Fabiano Henrique Justino

Professor Edy

Bom tive pouca experiência com a capoeira, mais a pouca experiência que tive foi muito proveitosa porque além do som da capoeira ser muito contagiante pra mim, eu consegui através disso apanhar um gosto muito grande pelos “gestos”, pela agilidade e tentei sempre fazer com meus amigos em casa, e fui desenvolvendo alguma coisa sozinho, essa experiência que tive foi somente olhando mesmo, algumas aulas, aqui na cidade, até porque meu pai não queria que eu fizesse porque na época tinha muito preconceito, assim como tem até hoje mais menos, Por isso acabei por nunca ter praticado em academias, mais pretendo a partir desse curso me dedicar mais a capoeira e tentar fazer o que não tinha a oportunidade na época por questão familiar e espero também ajudar a trazer a cultura dessa luta para a atualidade, porque isso é nosso, é brasileiro. E temos que aproveitar o máximo disso começando a partir desse curso, curso que está me motivando mais ainda e fico feliz por estar fazendo parte dessa equipe.

Edilson Donizete Felício

Professora Nega

Não tenho uma vivência ampla sobre a capoeira, na minha cidade natal, Conceição da Aparecida, existia um grupo de capoeiristas que davam aulas em uma academia privada, vários amigos faziam essas aulas mas por conta da minha situação financeira da época meus pais não conseguiram me matricular.

O grupo realizava apresentações em festas comemorativas da cidade e em aberturas de eventos esportivos. Eu adorava assistir as rodas e o pouco que sei é por ter visto várias delas. Hoje esse grupo não existe mais e o conteúdo capoeira lá é muito pobre.

Comecei o curso de educação física visando uma atuação na educação, com isso o meu objetivo no curso é aprender mais conteúdo para uma preparação para a educação física escolar.

Daiani Damião

Professor Gustavo

Eu nunca vivenciei ou pratiquei a capoeira, por não ter interesse nela. Porque achava que era apenas fazer uma roda e lutar e nada mais. Tive amigos que praticavam mas nunca me falarão como era realmente ou não me convidarão a participar e por isso nunca tive interesse. E o meu interesse neste curso de capacitação é vivenciar e aprender como que a capoeira é e como podemos usá-la em aulas com crianças em educação física escolar.

Gustavo Souza Dias

Professor Kaikão

Treinei capoeira já faz uns 4 ou 5 anos, por um período aproximadamente de 1 ano. Aprendi um pouco da capoeira no modelo tecnicista. E também na escola mais em um modelo mais lúdico, com brincadeira, desfile de 7 de setembro entre outros. Participei de algumas rodas de apresentações para pessoas de fora de minha cidade.

Já assisti a vários vídeos de batizados e demonstrações de golpes. Hoje em dia ainda jogo capoeira sempre que posso porem como forma de lazer, de brincadeira como os amigos.

Kaique Torres

Professor Dogão

Capoeira na escola eu não tive experiência nenhuma, porque em Muzambinho não havia nenhum professor de educação física que soubesse ensinar a capoeira. Mas quando eu tinha 5 anos de idade chegou na cidade um professor de capoeira e começou a ensinar no bairro em que eu morava, logo comecei a fazer.

Pratiquei capoeira até meus 15 anos, parei pois o professor foi embora. As aulas eram bem tecnicistas, o professor fazia o movimento e os alunos repetiam como um espelho, o professor não passava nenhum conhecimento em torno da história da capoeira, como surgiu a capoeira, somente que surgiu no Brasil e que os negros que tinham inventado.

Eu tenho a perspectiva de trabalhar com a capoeira em minhas aulas de educação física escolar, pois acredito que a qualidade das aulas está diretamente ligada a diversidade de conteúdos trabalhados.

Douglas Antonio

Professora Flor ou Pretinha

Minha vivencia com a capoeira foi muito bacana, tenho uma irmã que praticava essa arte, como forma de esporte e participei de vários batizados que ela ia, e gostei muito, acontecia roda na feira aos sábados e sempre gostava de participar, Tenho amigos que praticam capoeira e acho um esporte muito bonito e de ver que uma cultura que é nossa e que precisa ser valorizada.

Tenho como objetivo nesse curso realmente me capacitar para ensinar os alunos essa vivencia, já que dou aulas na educação infantil e acredito que é mais um conteúdo de grande relevância aos alunos, pois sabemos que é direito dos alunos aprender e passar por todas as vivencias dentro das escolas.

Regina Cristina



CURSO DE CAPACITAÇÃO EM CAPOEIRA ESCOLAR

Para educação infantil e séries iniciais do
ensino fundamental

**Público alvo: professores e estudantes de educação física e
pedagogia**

Totalmente GRATUITO

Vagas limitadas: 20 para o turno da manhã e 20 para o turno da tarde.

**Início: 24/03 (sábado), das 9 às 12h (turma 1) e das 14 às 17h
(turma 2).**

**Carga horária: 30 horas (21 presenciais e 9 de estágio
supervisionado)**

.Local: CeCAES – Educação Física

**Inscrições: Centro de Ciências aplicadas à saúde
(CECAES)(35)3571-5118**

Secretaria de Educação de Muzambinho – MG (35) 3571- 2122

**“Não é necessário conhecimento prévio nem vivência em
capoeira”**

*“Capoeirista não é aquele que sabe movimentar o corpo, e sim aquele que se deixa
movimentar pela alma”*

Mestre Pastinha

FICHA DE INSCRIÇÃO**Curso de capacitação em capoeira escolar 2012****Nome:**

Data de Nascimento: ____/____/____**Endereço:** _____**Cidade:** _____**Profissão:** _____**Local de atuação:** _____**Endereço:** _____**Email:** _____**Horário de preferência****Manhã() Tarde ()**

Comprometo-me participar assiduamente do curso de capoeira escolar, bem como autorizo o registro fotográfico e por vídeo das atividades realizadas para fins acadêmicos. Comprometo-me também a informar imediatamente o professor do curso caso tenha que abandoná-lo por quaisquer motivos

Nome:**Assinatura:****RG ou CPF:**

CURSO DE CAPACITAÇÃO DE MULTIPLICADORES CULTURAIS

TEMA: CAPOEIRA ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL e
ENSINO FUNDAMENTAL



Professor: Cleber Antonio Guimarães

Orientador: Professor Mateus Camargo Pereira

Apoio:

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de
Minas Gerais- Campus Muzambinho

CECAES - Centro de ciências aplicada à educação e a saúde

Secretaria Municipal de Educação de Muzambinho-MG

APRESENTAÇÃO

Desde 1995 já participava de movimentos culturais relacionados a cultura afro na cidade de Poços de Caldas, onde a principal atividade era a Capoeira. Após 12 anos de intensos treinamentos e participação efetiva em todas as apresentações, palestras, rodas de rua, inúmeros eventos de capoeira em todo território nacional resolvi adquirir mais conhecimentos em relação à capoeira e as outras manifestações relacionadas à cultura Africana e indígena. Durante os anos de graduação, em especial no Curso de Licenciatura em Educação Física no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do sul de Minas Gerais – Campus Muzambinho, ao escolher o tema de minha primeira monografia, optei por estudar a capoeira. Ao começar minhas pesquisas e leituras percebi que a literatura na sua maioria registrava um ensino idêntico ao que pratiquei, ou seja, sempre da mesma forma, no modelo tecnicista. Juntamente com meu orientador e a obra denominada Metodologia do Ensino da Educação Física (do Coletivo de Autores), fui mudando meu modo de pensar em relação às maneiras de se ensinar educação física. Neste livro clássico da área esboça-se uma metodologia de ensino denominada crítico-superadora. Diante disso elaboramos o TCC denominado “A capoeira na perspectiva da cultura corporal no ultimo ano da educação infantil”. Após a aprovação do método em alguns congressos e banca examinadora foi decidido que deveríamos dar continuidade ao trabalho desenvolvido no Curso de Licenciatura em Educação Física. Demos continuidade aprimorando o método de ensino e montamos essa capacitação, cujo objetivo é repassar os conhecimentos adquiridos a outros educadores, sendo eles pedagogos, professores e estudantes de licenciatura em Educação Física.

Portanto este trabalho será realizado durante os meses de Março, Abril e Maio de 2012. O curso terá uma carga horária de 40 horas, sendo 26 horas teóricas – praticas (presenciais, aos sábados) e 14 horas de estagio supervisionado (nas escolas, durante a semana).

CAPÍTULO 1

Por que ensinar capoeira?

- Por fazer parte da história de um povo que contribuiu para a formação da identidade do povo brasileiro;
- Por ter elementos da cultura africana sendo adaptados dentro de nossas terras e hoje tem característica afro brasileira;
- Porque dentro de uma única manifestação se fazem presentes todos os conteúdos da cultura corporal: Jogo, Esporte, Dança, Luta, Ginástica.
- Por ser uma prática associada ao povo negro, que sobreviveu durante os séculos XVI ao XVIII escondida dentro das senzalas, e continuou sendo reprimida após a abolição da escravatura. Só em 1930 a capoeira passou a ser aceita pelo governo brasileiro, sendo excluída do Código Penal Brasileiro.
- Divulga a cultura brasileira em muitos países;
- Foi declarada como patrimônio histórico cultural pelo IPHAN;
- Através da lei 10639/03 torna-se obrigatório o ensino da história e da cultura Afro Brasileira, abrindo possibilidade de abordar a capoeira em disciplinas como língua portuguesa, educação física, artes, história etc.
- Serviu como instrumento de libertação de um povo oprimido pela escravidão;
- Pode ser praticado por qualquer pessoa sem distinção de classe social, gênero ou idade;

- Pode gerar inúmeros benefícios no que diz respeito ao condicionamento físico, expressão corporal, socialização, conhecimento etc..

1.1- HISTÓRIA DA CAPOEIRA

Para escrever essa versão da história da capoeira utilizamos como referência as obras de Gilberto Cotrin⁹ e Divalte Garcia Figueira¹⁰. Temos que retroceder ao século XV, a partir da chegada dos portugueses no Brasil. Assim que os primeiros colonizadores aqui chegaram se depararam com os habitantes nativos. Homens e mulheres de pele parda e sem vestimentas. Foi um espanto tanto para os europeus quanto para os nativos devido à discrepância de modos e costumes. A intenção dos colonizadores não foi desenvolver a política de boa vizinhança, mas sim de explorar as riquezas aqui encontradas e mandá-las a Portugal para serem comercializadas na Europa. Seus objetivos de exploração no início eram de encontrar minerais valiosos em específico ouro, mas como no início das explorações tal mineral não foi encontrado e a costa litorânea brasileira eram repletas de madeira nobre (Pau-Brasil), muito usadas para o tingimento de tecidos, decidiram então explorá-la. Contudo, para explorar a madeira foi preciso a mão de obra dos nativos. Utilizaram da curiosidade e da ingenuidade dos moradores para fazerem amizade e foram presenteando os mesmos por algum tempo com objetos de pouco valor comercial para os europeus. Em troca os ajudariam com a retirada da madeira e seu beneficiamento. Com o tempo as coisas mudaram. Os índios eram obrigados a realizar tais tarefas, estabelecendo-se sua escravidão. A partir disto começaram os confrontos, massacres dos indígenas, aprisionamento, entre outras atrocidades cometidas pelos colonizadores.

As reservas litorâneas foram se esgotando e a exploração teria que se adentrar para o interior do Brasil. Daí começaram a surgir vários impedimentos:

- A falta da mão de obra para exploração;
- A escassez de madeira na faixa litorânea;
- O alto custo das viagens de Portugal para o Brasil e vice versa;
- A retirada de matéria prima por Franceses e Holandeses, o que gerou muitos conflitos com os primeiros colonizadores.

Apesar de todos esses contratempos Portugal já havia avançado muito na questão de expedições marítimas e precisaria dar um destino às terras brasileiras. Dá-se então que essas terras e seu clima eram propícios para o cultivo de um artigo muito caro e de fácil comercialização: a cana de açúcar. Algumas pessoas de poder aquisitivo foram presenteadas pelo rei de Portugal

⁹ História e consciência do Brasil, 2ª EDIÇÃO, 1995.

¹⁰ História: volume único: livro do professor, editora Ática, 2000.

com extensas faixas de terras no Continente Sul americano ainda pouco povoado. Em troca dessas terras seus “donos” teriam que produzir o açúcar para a Metrópole portuguesa.

Para que se obtivesse a matéria prima desejada se utilizou de mão de obra escrava já que os nativos precisaram ser expulsos de suas comunidades porque se recusavam a fazer tais atividades braçais. Aqueles que não foram mortos foram aprisionados. O jeito foi conseguir mão de obra do continente Africano onde Portugal já se aproveitava há algum tempo do tráfico negreiro. Segundo Cotrin (1995, p.71), entre os séculos XVI e XIX desembarcaram na América mais de 20 milhões de escravos. Cerca de um quinto destes escravos vieram para o Brasil. Todos os negros trazidos para o Brasil pertenciam principalmente a dois grupos lingüísticos: Bantos (vindos geralmente de Angola e Moçambique) e Sudadenses (vindos de Daomé, Nigéria e Guiné). Uma atividade rentável para os portugueses, em especial para as colônias portuguesas, fortalecimento a economia da metrópole.

Trazidos para o Brasil em porões dos navios presos como animais, acorrentados uns aos outros, desembarcaram às centenas. Os navios usados para o transporte de escravos eram chamados de Tumbeiros, pois a morte era certa para muitos africanos. Estima-se que cerca de 15% dos negros trazidos para servirem de mão de obra escrava morreram antes de chegar ao continente. No Brasil eram comercializados nos portos e vendidos aos donos de engenhos para fazerem todo tipo de trabalho, tanto homens quanto mulheres e crianças. A vida de um africano era estimada entre 07 a 10 anos, como relata o historiador Roberto Simonsen (COTRIN, 1995).

Ao chegar às fazendas eram levados para as senzalas, local onde se recolhiam após as longas jornadas de trabalho. Sua alimentação era precária, a base de mandioca e milho, comida utilizada pelos nativos dessas terras. Os escravos sofriam castigos e açoites freqüentes. Como forma de repressão aos que tentavam fugir, dentre outras atitudes de rebeldia, os castigos sofridos eram realizados na frente de todos os outros escravos. Essas punições envolviam queimaduras com ferro em brasa, mutilações, chicotadas que deixavam a pele ferida. Em seguida, era colocado sal nos ferimentos, o que servia de exemplo para todos os escravos desobedientes.

Dentro das fazendas quem realizava as funções de vigia de escravos eram os feitores. Na maioria das vezes, os feitores eram os próprios escravos que recebiam por estes serviços, ou eram beneficiados com algumas regalias dadas pelo Senhor do Engenho. Eles eram escolhidos dessa maneira, pois era necessário que os vigias fossem conhecedores da forma como os outros escravos pensavam.

Mas as revoltas eram intensas e constantes por parte dos negros, que ao conseguirem se desvencilhar de seus opressores, procuravam as matas para se esconderem. Esse processo esse de busca da liberdade originou as comunidades negras denominadas Quilombos. Dois quilombos dos mais famosos eram o Quilombo dos Palmares situado na região de Alagoas. Recebeu esse nome pela grande quantidade de palmeiras e tinha como líder Zumbi. Sua fama de bravura e coragem correu a região, além de sua destreza corporal, divulgando uma idéia de que seria invencível. Outro quilombo famoso, o Quilombo de Campo Grande, era situado em Minas Gerais e comandado por Ambrósio.

Como os escravos não concordavam com essa nova situação, começaram a enfrentar seus opressores, apenas com seus corpos, sem nenhum tipo de arma, ao contrário dos feitores e capitães do mato. Foi pensando nisso que alguns escravos começaram a utilizar de elementos em combates existentes na sua terra natal. Quando uma mulher africana chegava na idade de se casar, para a escolha dos seu futuro companheiro, os pretendentes combatiam entre si com violentas pernadas e cabeçadas, dança essa que tinha por nome N'golo ou Dança da Zebra. Tal nome baseava-se nos movimentos efetuados pelo animal. De volta às senzalas os escravos, em seus horários de descanso ou durante seu momento de trabalho, praticavam e ensinavam aos mais jovens alguns desses golpes e esquivas, pensando no possível embate com seus feitores. Esse pode ser um dos relatos do surgimento da capoeira. Cada escravo que conseguisse sua liberdade através das fugas ao encontrar algum quilombo ali se escondia junto com outros escravos. Ali se deu a proliferação desses movimentos de luta.

Mas esse processo de luta e fuga para matas permaneceu durante os séculos XVII e XVIII. Apartir de meados do século XVIII, mas precisamente em 1831, sob forte pressão inglesa o Brasil promulgou a lei proibindo o tráfico negreiro (COTRIN, 1995). A partir dessa medida tomada pelos ingleses e contrariando os interesses dos proprietários de terras brasileiras surge a expressão “para inglês ver”, porque na prática o tráfico negreiro para o Brasil continuara da mesma maneira.

Já em 1845 a Inglaterra tomou medidas enérgicas contra o trafico de escravos, promulgou a lei conhecida como Bill Aberdeen, que permitia a marinha britânica aprisionar os navios negreiros em qualquer parte do mundo e punir os traficantes junto aos tribunais ingleses. O governo brasileiro com interesse comercial e financeiro no tráfico de escravos vindos da África, tentou coibir a entrada da marinha inglesa em águas brasileiras, mas seus esforços foram inúteis. A Inglaterra estava disposta a acabar com o trafico de escravos, mesmo que para isso fosse preciso entrar em guerra. Diante disso o Brasil foi obrigado a ceder e em 4 de setembro de 1850 surgiu a lei Eusébio de Queirós,

que proibia o trafico de escravos e autorizava a expulsão dos traficantes do pais. Essa medida reprimiu definitivamente a importação de escravos para o Brasil (COTRIN, 1995).

Após a proibição do trafico de escravos, foram criadas algumas leis a favor da causa abolicionista:

- Lei do ventre livre (1871): declarava livre todos os filhos de escravos nascidos no Brasil.
- Lei dos sexagenários (1885): declarava livres os escravos com mais de 65 anos.

Em 13 de maio de 1888 foi promulgada a Lei Áurea pela princesa Isabel, lei essa que declarava extinta a escravidão no Brasil.

Apesar de libertos a situação dos escravos não estava resolvida, pois após quase 4 séculos de escravidão, os ex-escravos não possuíam recursos financeiros, e a sua maioria voltara a desenvolver as mesmas atividades exercidas no tempo da escravidão, ou seja, continuavam sendo escravos, sofrendo abusos e castigos dos senhores dos engenhos. Em busca da sobrevivência, sujeitavam-se às mesmas atrocidades, pois precisavam se alimentar. Diante disso fica a incógnita: “Será que ocorreu a abolição na verdade, ou apenas o negro foi despejado nas ruas”?

Um ano após a abolição da escravatura, foi proclamada a República, em 1889. O novo sistema político, entretanto, não assegurou profícuos ganhos materiais ou simbólicos para a população negra (DOMINGUES, 2007, p. 102). Ao contrário, esta foi marginalizada. Segundo Andrews:

Seja politicamente em decorrência das limitações da republica no que se refere ao sufrágio e as outras formas de participação política; seja social e psicologicamente, em face das doutrinas do racismo científico e da “teoria do branqueamento”; seja ainda economicamente , devido as preferências em termos de emprego em favor dos imigrantes europeus.¹¹

Durante o fim do século XVIII e inicio do século XIX os ex-escravos sofreram com a fome, a discriminação racial, dentre outras agressões. Devido

¹¹ George Reid Andrews, “ O protesto político negro em São Paulo (1888-1988)”, Estudos afro Asiaticos, no. 21, Rio de Janeiro, 1991, p.32.

a essas situações se viram sujeitos a praticar as varias funções legais como carregadores, estivadores, mascates, pedreiros e garrafeiros. Morando pelas ruas alguns ex-escravos ficaram vagando e outros voltaram para seus antigos senhores recebendo apenas a alimentação e salário miserável.

Após a proclamação da republica surgiram os interesses políticos e os capoeiristas passam a ser contratados para defender os figurões dessa época e também para hostilizar integrantes de outros grupos políticos.

Outro modo de resistência criado pelos ex-escravos para defender seus interesses foi a criação das Maltas, grupos de capoeiristas armados com navalhas, que praticavam desordem, roubos e grandes confusões, fazendo com que a guarda fosse acionada e na maioria das vezes os combates com a polícia eram iminentes. Com isso a capoeira passa a ser vista como uma prática marginal, pois era praticada na maioria das vezes por negros que já sofriam o preconceito devido ao passado escravo.

A república tem um problema nas mãos: acabar com as confusões geradas pelas maltas. Uma solução encontrada foi a de mandar os capoeiristas apanhados pela policia para a Guerra do Paraguai. Muitos capoeiristas foram mandados para frente de batalha, muitos morreram sem ser reconhecidos e alguns fizeram história devido a vários atos de bravura, pois a maioria dos combates eram realizados corpo a corpo, característica que dava vantagem aos capoeiristas.

Em 1890 a capoeira passa a fazer parte do código penal da republica.¹²

Após ser proibida os praticantes foram mortos ou mandados para prisões. Uma das mais famosas se localizava no Arquipélago de Fernando de Noronha. Essa prática agora marginal passou a ser praticada às escondidas e levada para o interior das cidades.

A fama da capoeira corria o Brasil, mas especialmente no Rio de Janeiro, Recife e Salvador alguns capoeiristas escreveram seus nomes na

¹² Decreto Lei nº 487 do C.P.B. de 11/10/1890:

Art. 402 - Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecido pela denominação de capoeiragem, andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumulto ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor ou algum mal:

Pena de dois a seis meses de reclusão.

Parágrafo Único - É considerado circunstância agravante pertencer a capoeira, alguma Banda ou Malta. Aos chefes, ou cabeças, impor-se-á pena em dobro.

história. Devido às incríveis façanhas realizadas nem sempre com caráter positivo a capoeira se espalha como rastilho de pólvora dando assim sua ploriferação e desvirtuamento. No Brasil, não é apenas praticada pela camada mais baixa da população, mas também por classes mais elevadas.

De acordo com Silva (1995) no início do século XX a capoeira passa a ter algumas regalias devido a interesses políticos. Muitos dos bons capoeiristas eram contratados para serem cabos eleitorais, capangas e secretários de grandes figurões. Nas próprias unidades militares a prática da capoeira era utilizada. Muitos capoeiristas se alistaram na Marinha e foram repassando seus ensinamentos.

Muitos capoeiristas mantiveram sua prática tradicional como o caso de Vicente Ferreira Pastinha, mais conhecido como Mestre Pastinha. Através de seus ensinamentos muitos outros se formaram mestres, mas sempre com a intenção de que não se deturpasse a sua prática e se mantivesse as tradições dos antepassados. Tradições essas vindas dos ex-escravos majoritariamente vindos de Angola. Por isso esse estilo de capoeira ensinada por Mestre Pastinha era chamada de Capoeira Angola.

Em 1932 a capoeira começa a tomar um novo rumo. Nasce em Salvador, no Engenho Velho de Brotas, Manoel dos Reis Machado, mais conhecido como Mestre Bimba. Jogador de Capoeira Angola resolveu metodizar e aperfeiçoar o ensino da capoeira. A partir da união de golpes de outras lutas como o batuque, capoeira e judô, cria-se a Luta Regional Baiana. Com isso a carga negativa obtida pela capoeira no decorrer do século anterior começa a se aliviar chegando a ser reconhecida pela secretaria de educação como modalidade esportiva, relacionando-a com a Educação Física. Essa nova forma de se praticar capoeira criada por Mestre Bimba recebeu o nome de Capoeira Regional.

Em 1939 o presidente Getúlio Vargas extingue o decreto/lei que proibia as práticas de cultos afro-brasileiros, incluindo-se a capoeira.

Com o passar dos anos foi sendo reconhecida por diversas instituições governamentais e sendo criadas as primeiras associações de capoeira, em seguida o movimento em prol da prática da capoeira está em constante expansão. De acordo com a Associação Brasileira de Capoeira (ABRACAP) a capoeira está presente em mais de 200 países. Segundo ela, a capoeira é o segundo esporte mais praticado no Brasil.

As mortes desses mestres se dão no momento em que a capoeira inicia uma nova fase e que será fundamental para o seu reordenamento atual. Aproximadamente a partir da década de 1970, a capoeira começa a sua expansão pelo exterior, inicialmente nos países europeus.¹³

¹³ Artigo da revista História do esporte, volume 1, numero 1, de 1 de junho de 2008.

1.2 - Elementos Básicos da Capoeira

RITMO

Elemento básico que tudo rege, desde o nosso coração a todas outras coisas existentes na terra. Dentro do jogo da capoeira uma das maiores expressões de ritmo é quando a bateria de instrumentos inicia seus trabalhos e o som é liberado, juntamente com o canto. Na sua seqüência o início das palmas dos capoeiristas que estão em volta da roda e o público que assiste. A energia que é liberada por todos os componentes para o interior da roda de capoeira é tão grande que os capoeiristas que estão no centro da roda liberam toda energia de seus corpos para dentro do jogo, fazendo com que flua com a maior naturalidade em acordo com o ritmo produzido neste Ritual.

MUSICALIDADE

Dentro de outras culturas em especial as com características de combate, luta ou jogo nenhuma possui sua própria música, que embala os corpos dentro de um bailado. Já a capoeira, para cada tipo de jogo, a característica musical se transforma e cada uma com um canto ou musica especifica.

RODA

O ritual mais importante da capoeira, onde os capoeiristas se reúnem para cantar e tocar e com o som produzido pelos instrumentos é como a capoeira deve se portar dentro de cada situação. O próprio nome já diz, um ritual quer nos dizer que existem regras maneiras de se mover dentro da roda. A entrada e saída, o cumprimento, a ancestralidade ali presente, o respeito aos mais antigos etc.

INSTRUMENTOS

Na capoeira contemporânea se usa 3 berimbaus, 2 pandeiros e 1 atabaque, mas já foi e ainda é usada por alguns grupos tradicionais o modo da bateria como mestre Bimba a organizava na capoeira regional, 1 berimbau e 2 pandeiros. Já na capoeira angola são acrescentados mais alguns instrumentos como o reco de madeira e o agogô. Esses instrumentos utilizados na pratica da capoeira tem a principal função de dar ritmo ao jogo, seja ele qual for, na capoeira existem muitos tipos de toques tanto para capoeira angola, quanto para a regional.

DANÇA

Muitas pessoas consideram a capoeira como uma dança, não estão enganados, mas ela é muito mais que apenas uma dança. Essa característica é devido ao movimento de bailado que o capoeirista imprime dentro da roda chamado de **ginga**. Este movimento seqüenciado é muito antigo do tempo da escravidão, pois os escravos para esconderem seus treinamentos dentro das senzalas e no meio dos canaviais enquanto descansavam praticavam a capoeira, e quando o feitor, capitão do mato, ou até mesmo o senhor do engenho, eles paravam de praticar seus movimentos e começavam a se movimentar em forma de dança, enganando seus opressores, que até mesmo zombavam dos escravos, além de estarem naquelas condições ainda tinham motivo para dançar.

GOLPES

Para podermos falar sobre os golpes da capoeira teríamos que verificarmos muitos locais onde a mesma é praticada, pois cada grupo ou associação define sua nomenclatura de uma forma diferente das outras, então neste pequeno resumo citaremos alguns golpes, ou seja os mais conhecidos e aplicados dentro da capoeira.

GOLPES REDONDOS

Nestes golpes o movimento é executado com uma das pernas apoiadas ao solo e a outra realizando movimentos circulares em direção ao outro jogador. Cada um desses golpes citados abaixo é realizado de formas diferentes, uns com giros, outros com bases paralelas, outros com bases avançadas e assim por diante, os mesmos serão exemplificados abaixo na forma escrita e por ilustrações.

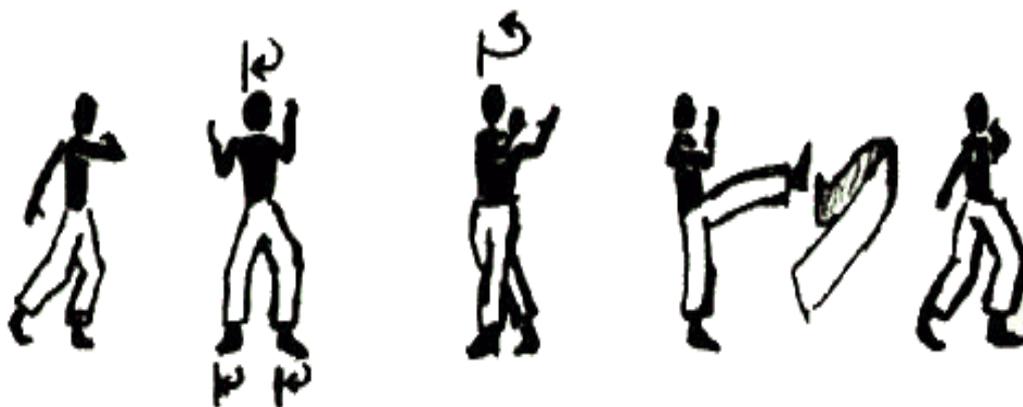
Meia lua de frente

Realizado de frente para o outro jogador em base paralela, uma perna fica apoiada ao solo e a outra é passada em forma de um meio círculo, saindo de um lado indo até o outro e retornando ao local de origem.



Queixada

Movimento realizado na base de ginga, onde a perna que esta a frente é passada de fora para dentro e retornando na mesma base só que do outro lado, ou seja, pronto para realizar o mesmo movimento outra vez.



Meia lua de compasso

Esse movimento é característico da capoeira, pois em nenhuma outra luta se utiliza um golpe realizado com os pés e com as mãos ao solo.



Armada

Este movimento é o mesmo movimento da meia lua de compasso, só não se coloca as mãos no chão.



GOLPES TRAUMATIZANTES

Estes golpes são realizados com uma perna apoiada ao solo e a outra sendo utilizada de forma de afastar o outro jogador e são traumatizantes porque o ponto de impacto é sempre serão direcionados em locais sensíveis a trumas, por exemplo, abdômen e cabeça.

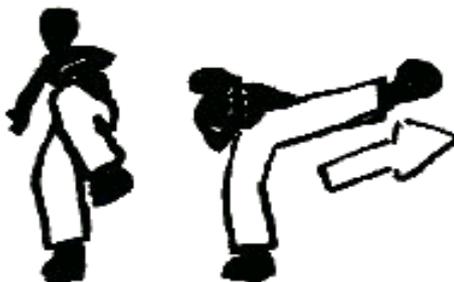
Benção

Movimento realizado de frente para o outro jogador, eleva-se o joelho do pé que esta atrás e em seguida o ataque em direção do abdômen do seu colega, a posição do pé de ataque é dedos para cima, a planta do pé é o local de contato com o abdômen.



Chapa

Realizado com o corpo de frente para o outro jogador e com um giro no pé de apoio ficando de lado para o outro capoeirista fazendo o movimento empurrando seu adversário para trás, a posição do pé que vai em direção do jogador é de lado.



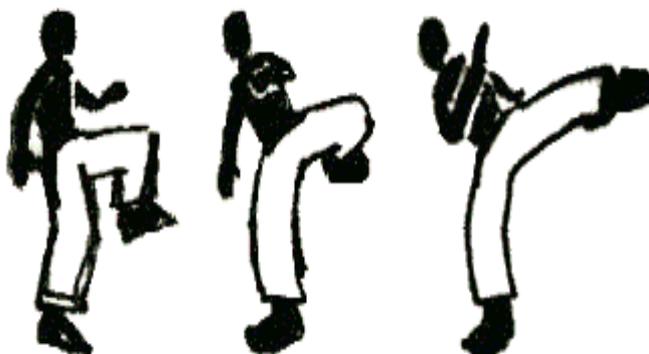
Ponteira

Este movimento é realizado com muita potência, então não devemos usá-lo dentro da roda, pois o pé sobe com muita velocidade em direção ao queixo do outro jogador, então devemos usá-lo apenas como forma de treinamento para flexibilidade.



Martelo

Este movimento é muito utilizado em outras lutas, como o caratê, full contacto, muay thai. Muito eficiente e é realizado em direção da cabeça do outro jogador.



Cabeçada

Movimento aplicado geralmente na região abdominal do outro colega de jogo, ou contra a face.



FLOREIOS

Como o próprio nome já diz é nesta hora em que determinados jogos eles são exigidos pelo capoeirista para embelezar a arte da capoeira, são movimentos acrescentados para deixar sua pratica mais harmoniosa e com certo tom de malandragem e astucia de seu executor. São eles:

Au

Este movimento é usado pelos jogadores na maioria das vezes no inicio de cada jogo, ou mesmo no decorrer do jogo para mudança de lugar dentro da roda. Abaixo estão ilustradas algumas formas de se realizar o movimento.



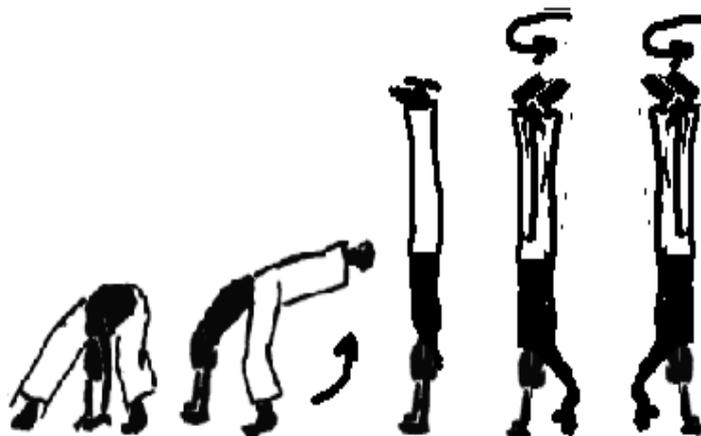
Macaco

Este movimento o capoeirista transfere todo seu peso da posição agachado para a mesma posição saltando para trás como mostra a ilustração abaixo.



Peão de Mão

Neste movimento o capoeirista giro em cima dos membros inferiores com as pernas para cima imitando um peão.



Flick-Flack

Neste movimento o capoeirista se lança para trás apoiando-se nos braços e terminando na posição inicial.



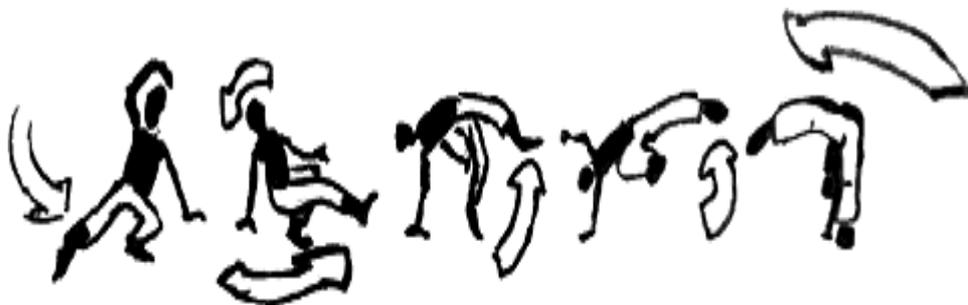
Peão de cabeça

Neste movimento o capoeirista apóia a cabeça no solo com as pernas para o alto e com a ajuda dos braços e das pernas da um impulso girando com a cabeça no chão.



S dobrado

Movimento acrobático que o capoeirista em três apoios realiza um chute rasteiro e eleva uma das pernas puxando todo o corpo para cima de um dos braços indo para trás.



Queda de rins

Neste movimento o capoeirista coloca todo seu peso em cima de uma alavanca realizada pelo cotovelo apoiado na região do centro de gravidade, mais precisamente logo abaixo das últimas costelas.



Parada de Mão

Neste movimento o capoeirista troca os apoios dos pés para as mãos, precisa-se de muita concentração e equilíbrio pra sua realização.



Parada De Cabeça

Com a cabeça apoiada ao solo o capoeirista sustenta o seu peso sobre a cabeça, equilibrando-se em três apoios, cabeça e os dois braços.



QUEDAS

Como característica de qualquer luta ou jogo para se ter um vencedor precisa-se que se faça algum golpe ou estratégia para levar um dos capoeiristas à vitória. No caso da capoeira as quedas são muito utilizadas dentro dos jogos, portanto se um capoeirista é levado ao solo este esta em desvantagem ao outro. Citaremos algumas quedas utilizadas dentro da capoeira:

Rasteira

Como esse movimento esta relacionado como queda, é um movimento aplicado no pé de base do outro capoeirista quando o mesmo aplica um golpe que o faz ficar apenas em um pé de sustentação. Após aplicada a rasteira o outro capoeirista vai ao solo. Quando a aplicação desta queda em pessoas com pouco tempo de treinamento é muito arriscado, pois poderá lesioná-lo gravemente.



Vingativa

Para a realização deste movimento o capoeirista precisa marcar a ginga de seu colega de jogo e esperar quando o mesmo colocar uma das pernas para trás e em um movimento bem rápido colocar-se atrás de seu colega e com a utilização do seu cotovelo e giro de tronco arremessá-lo para trás retirando seu equilíbrio, pois ele não poderá movimentar suas pernas porque estão travadas com as pernas do aplicador da vingativa, e assim a queda é aplicada.



Existem muitos outros movimentos de capoeira, relacionamos alguns dos principais movimentos da capoeira. Em nossas referencias citaremos locais para pesquisa de mais movimentos de capoeira e suas combinações. Quanto a nomenclatura dos movimentos ela muda de região para região ou de grupo ou associação de capoeira. Na capoeira contemporânea esta sendo utilizado dentro dos movimentos de capoeira unidos a outras expressões culturais como o hip-hop, o jiu-jítsu, ginástica artística dentre outros.

CAPÍTULO II

O referencial teórico-metodológico

Para a realização de nosso trabalho utilizamos como referencial teórico-metodológico as formulações existente na obra clássica *Metodologia do ensino de educação física*, publicada inicialmente em 1992 e escrita por um coletivo de autores¹⁴. Obra essa que trata do ensino da educação física de maneira efetiva, balizando o trabalho dos professores, não apenas como um livro de atividades que podem ser utilizadas dentro das aulas de educação física, mas sim para dar autonomia e sustentabilidade ao trabalho docente. A obra

(...) expõe e discutem questões teórico-metodológicas da Educação Física, tornando-a como matéria escolar que trata pedagogicamente, temas da cultura corporal, ou seja, os jogos, a ginástica, as lutas, as acrobacias, a mímica, o esporte e outros. A metodologia aqui é entendida como uma das formas de apreensão do conhecimento específica da educação física, tratado a partir de uma visão de totalidade, onde sempre está presente o singular de cada tema da cultura corporal e o geral que é a expressão corporal como linguagem social e historicamente construída. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.37)

Para os autores, a Educação Física

(...) é uma prática pedagógica que, no âmbito escolar, tematiza formas de atividades expressivas corporais como: jogo, esporte, dança ginástica, formas estas que configuram uma área de conhecimento que podemos chamar de cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.33)

O conhecimento é tratado metodologicamente de forma a favorecer a compreensão dos princípios da lógica dialética materialista, totalidade,

¹⁴ A concepção Crítico-Superadora da educação física está apresentada na obra “Metodologia do ensino de educação física” (1992), escrita pelo Coletivo de Autores (Lino Castellani Filho, Elisabeth Varjal, Carmen Lúcia Soares, Celi Taffarel, Valter Bracht e Michelli Ortega Escobar). Tal denominação foi dada pelos próprios autores, reivindicando associação com a Pedagogia Histórico-Crítica, sistematizada por Dermeval Saviani.

movimento, mudança qualitativa e contradição. (COLETIVO DE AUTORES, 1992). O currículo escolar deve ser capaz de dar conta de uma reflexão pedagógica ampliada e comprometida com os interesses das camadas populares tem como eixo a constatação, a interpretação, a compreensão e a explicação da realidade complexa e contraditória. Desta forma deve ser:

- **DIAGNÓSTICA** (diagnóstica): que remeterá ao aluno a constatação e leitura dos dados da realidade, de modo que deste ponto se retirará um julgamento;
- **JUDICATIVA** (julgamento): o aluno julgará a ação de acordo com os princípios de cada classe social;
- **TELEOLÓGICA** (transformação): a partir daí será definida uma direção a se seguir, tendo em vista que cada pessoa está incluída em uma classe social, buscando se firmar dentro de sua classe, e sua reflexão poderá ser conservadora, ou seja, mantendo as coisas como são, ou transformadora, com o objetivo de mudar a realidade.

Conhecimento espiralado

Na perspectiva dialética os conteúdos teriam que ser apresentados aos alunos a partir do princípio da simultaneidade, explicitando a relação que mantêm entre si. Objetiva-se desenvolver a compreensão de que são dados da realidade que não podem ser pensados e nem explicados isoladamente. Sendo assim, o conhecimento deixa de ser tratado a partir de pré-requisitos. Busca-se tratá-lo de forma espiralada, ou seja, o conhecimento vai sendo ampliado a cada referência, tornando-se cada vez mais complexo (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.21).

Gesto e História

Dentro desta perspectiva o gesto será entendido como uma peça fundamental do desenvolvimento da História, pois este gesto será entendido pelos alunos como forma de contexto histórico e não solto em seus pensamentos, mas com significado. Busca-se recuperar o sentido daquele movimento. Assim a teoria é abordada no trabalho em forma de conhecimento histórico e o gesto vivenciado dentro do contexto em que foi criado a todo o momento, facilitando o entendimento por parte dos alunos. Esse conhecimento adquirido fará muito mais sentido do que se o fosse ministrado fora deste contexto.

Lógica Dialética

Segundo COLETIVO DE AUTORES, (1992) a reflexão pedagógica do aluno e sua forma de pensar a realidade social ajuda a desenvolver determinada lógica. Para desenvolvê-la apropria-se do conhecimento científico, confrontando com o seu saber, tendo em vista que o aluno não entra na escola como se fosse uma caixa vazia, sem conhecimento, e que o mesmo traz algumas referências oriundas das relações sociais que estabelece em seu cotidiano. A tradição pedagógica, na elaboração de SAVIANI (2008), considera o aluno um depositário passivo de conhecimentos que poderá ser transmitido pelo professor. Ainda que, segundo o mesmo autor, a relação entre professor e aluno apresente uma diferença em termos de nível de conhecimento, o estudante é visto com sujeito e objeto do processo pedagógico. Na Educação Física, a pedagogia tradicional se balizou por um método de ensino de cunho tecnicista, no qual os conteúdos eram restritos ao saber fazer e o ensino se dava pela repetição dos gestos realizados pelo docente. Na perspectiva da cultura corporal o aluno apreende e transforma o conhecimento (tese, antítese e síntese). O movimento é vivenciado, resignificado e transformado. Sendo assim, o conhecimento será transmitido dentro da sua totalidade, de acordo com a realidade. Elabora-se um saber científico adquirido nas instituições de ensino, superando o senso comum.

CAPITULO III

Exemplos de aulas dentro da perspectiva da cultura corporal

Aula I – Vida na África

Nesta aula apresentei as etnias através de desenhos na lousa, mostrando que cada pessoa possui traços diferentes de diversas etnias, chegando aos negros. Depois mostrando ainda através de desenhos e recortes que no Brasil há uma mistura destas etnias, e que na África é composta majoritariamente por negros. Em seguida, mostramos que eram divididos em tribos, cada uma diferente da outra, com culturas diferentes e modos de se viver, alimentar, moradia de acordo com o local em que se morava. Falei de algumas tribos existentes na África, Nagô e Zulu. Em seguida foi utilizada uma tinta para o rosto de cor preta simbolizando que todos participantes da aula seriam africanos negros. Mostramos que seus hábitos eram diferentes e que sua pintura de rosto significava essa diferença: Nagô, com dois traços; e Zulu com um triângulo, facilitando a divisão das tribos. Em seguida, realizamos uma corrida de estafeta onde as duas tribos competiam, e a tribo perdedora teria que se submeter à condição de escravo da tribo vencedora. A maioria dos alunos já tinha o conhecimento do que seria ser escravo, facilitando o entendimento da história contada. E no encerramento os alunos escravos voltaram para a sala de aula puxando os alunos vencedores. A tribo vencedora foi Nagô. Com isso ampliamos o conhecimento dos alunos, todos entendendo como era um habitante da África, seus hábitos, como se relacionavam entre si, a separação das tribos e os alunos durante a atividade iam dando seus pareceres sempre usando como exemplo seus pais, sua casa, reportagens exibidas pelos veículos de comunicação.

Aula II – A viagem

O tema foi a viagem que os negros faziam de barcos, vindos traficados para o Brasil. Os alunos ficaram enfileirados em duas colunas e com movimentos de remadas com uma musica, “ Marinheiro só” – para a melhor fixação de como era a viagem, o sofrimento, os porões, a falta de água e de comida e, como consequência, as doenças e a morte dos escravos.

“Marinheiro só

Eu não sou daqui

Marinheiro só

Eu não tenho amor

Marinheiro só

Eu sou da Bahia

Marinheiro só

De São Salvador

Marinheiro só

Lá vem, lá vem

Marinheiro só

Como ele vem faceiro

Marinheiro só

Todo de branco

Marinheiro só

Com seu bonezinho

Marinheiro só

Ô, marinheiro, marinheiro

Marinheiro só

Ô, quem te ensinou a nadar

Marinheiro só

Ou foi o tombo do navio

Marinheiro só

Ou foi o balanço do mar

Marinheiro só”

Dentro de uma caixa de papelão e alguns cabos de vassoura um barco foi introduzido na história simbolizando o navio negreiro. Aos poucos o conhecimento foi ampliado e os alunos cada vez mais interessados pelas histórias contadas e pelas dinâmicas realizadas. De fato, o que era abstrato para os alunos vai se concretizando a cada aula, pois eles relacionam os fatos ocorridos nas histórias com desenhos animados, reportagens, com o que os familiares falam e fazem, muitos exemplificam desta maneira.

Aula III – Tambor e toques

Na retomada desta aula os alunos utilizaram do atabaque para tentar realizar algum ritmo, utilizamos também palmas de mão, reforçando assim os ritmos executados por eles. Alguns alunos mostraram certa habilidade com o instrumento, outros apenas observaram o professor, que tocou para demonstração. Após este momento realizamos a brincadeira “canavial”, utilizando do som do atabaque para que o canavial se mexesse, mudando a direção dos alunos, fazendo com que se dificultasse a vida do Capitão do Mato na caçada do Negro Fujão. Foram mostrados aos alunos dois tipos de toques de atabaque. Quando mudasse o toque, o canavial também mudaria de posição. Todos os alunos passaram pelas funções da brincadeira. Mas o objetivo era mostrar as diferenças do toques, para que nas próximas aulas isso ficasse mais evidente (sobre o aspecto de danças que os negros desenvolveram para mascarar a capoeira dos seus opressores). Utilizamos o som do atabaque para a definição dos movimentos que o canavial produziria de acordo com o toque, ou seja, o professor demonstrou dois toque bem diferentes facilitando o entendimento dos alunos e a compreensão da brincadeira em relação aos fatos ocorridos na História. Nesta aula fica bem explícito como o aluno terá argumentos para confrontar-se com sua realidade, e poderá reformular seus conceitos a partir do movimento histórico citado dentro das aulas. O aluno não vem para a escola desprovido de conhecimento;

cabe ao professor propor desafios e novos conhecimentos, contribuindo para que o aluno se torne um sujeito histórico produtor de conhecimento.

Aula IV – Dança da Zebra

Retomamos falando sobre o instrumento utilizado nas aulas passadas. Todos conseguiram descrevê-lo. Falaram sobre sua função, como eram feitos e quando eram usados.

Nesta aula a proposta foi falar sobre como eram os casamentos dos negros, como eram escolhidas as esposas dos guerreiros das tribos. A partir daí demos início ao conteúdo Capoeira, mas ainda não citado de forma clara para os alunos. Essa cultura de escolha da mulher era realizada através da “DANÇA DA ZEBRA” ou “N’GOLO”, pois se familiariza muito seus movimentos com coices dados pelo animal. Os futuros pretendentes das moças da tribo se enfrentavam para poder escolher a sua companheira, através de uma luta onde o objetivo era acertar o rosto de seu adversário com os pés. Simulamos alguns combates, mas sem objetivo de luta, mas com caráter de competição. Os alunos teriam que realizar seus movimentos e as meninas poderia escolher seus pares, para uma dança a se realizar logo após a disputa. Nesta aula a exploração do gesto é evidente: surgem vários golpes de expressão corporal, a maioria deles utilizados na capoeira, mostrando assim que o gesto não surgiu por acaso e sim que teve um significado dentro do contexto histórico.

Aula V – Luta para a liberdade

Utilizando a retomada foi falado aos alunos como eram a união dos povos negros, como era escolhidas as esposas e sobre o tipo de disputa, a “DANÇA DA ZEBRA” ou “N’GOLO”, já vivenciado na aula anterior. Contudo, isso demonstrado aos participantes das aulas surgiu alguns questionamentos

sobre essa forma de disputa entre os negros: por que eles não utilizaram esses golpes contra os feitores e capitão do mato?

Tal questão não foi colocada aos alunos; a idéia surgiu deles. Aproveitando este momento, contei aos mesmos que os negros tiveram esta mesma idéia em relação ao seu aprisionamento. E os negros descontentes com a escravidão começaram a utilizar essas pernadas usadas na Dança da Zebra contra seus feitores, e em seguida, para as fugas às matas. Após essas explicações começamos uma brincadeira de cabra cega com os alunos, simbolizando que o colega vendado seria o capitão do mato após um ataque sofrido pelos negros, que desferiram alguns golpes contra o capitão do mato e este atordoado com as pancadas tentaria pegar seus agressores. Mas a venda simbolizava a falta de consciência e a dificuldade de pegar os escravos, sendo assim facilitada a fuga dos escravos. Essa idéia já tinha sido proposta por um aluno, mostrando que a opressão gera revolta e que isso estaria dentro do contexto; a luta pela liberdade sempre aconteceu e não deixará de existir. Muitos dos gestos realizados dentro do contexto estiveram presentes, mesmo que os alunos não percebessem. Já estávamos realizando um trabalho de capoeira, pois todos estes gestos fazem sentido de acordo com as histórias contadas, bem como os julgamentos acerca da realidade social.

Aula VI – Quilombos

Retomamos falando sobre os golpes utilizados pelos negros para tentar escapar da escravidão e conquistar a tão sonhada liberdade, já que o próximo conteúdo abordado eram os quilombos. Para abordá-los começamos com uma conversa sobre a casa de cada aluno, pedindo que cada um falasse onde mais gostava de ficar. Após essa breve conversa foi perguntado aos alunos se eles achavam que os negros sentiam saudades de suas casas após serem trazidos forçados para o Brasil para trabalho escravo, e as respostas foram unânimes, todos concordaram que sentiam muitas saudades dos seus parentes, das suas casas, e de seus amigos. Explicamos como eram os quilombos, porque eles surgiram, onde ficavam, enfim, demos algumas informações aos alunos sobre

o tema a ser trabalhado nesta aula. Em seguida começamos uma brincadeira de cada escravo no seu quilombo, brincadeira essa que se parece com cada macaco no seu galho, adaptada para a aula. Cada aluno estaria andando pela mata e quando o professor, de forma aleatória, falasse “olha o capitão”, cada aluno deveria procurar um local mais alto para subir e estar protegido do capitão do mato. O aluno que não subisse rápido seria encaminhado até o tronco, local esse onde os escravos eram punidos por fugas ou qualquer outra rebeldia. A compreensão dos princípios do nosso referencial fica cada vez mais evidente com o decorrer das aulas, e conteúdo se faz presente tanto nas atividades propostas quanto no cotidiano do aluno, especialmente dentro da escola, pois quando os mesmos estão em atividades em outras aulas, o contexto se repete, mas de outras formas, mostrando que nosso referencial é utilizado a qualquer momento dentro das aulas

Aula VII – Disfarce de Dança

Retomamos lembrando o que eram os quilombos. Após essa breve explicação foi realizado novamente a brincadeira na qual os alunos espalhados pelo pátio, quando escutavam o toque feito pelo professor, teriam que se esconder para que o capitão do mato não os encontrasse.

Para esta aula o tema escolhido foi o disfarce da dança, pois foi o modo que os escravos encontraram para esconder seus treinamentos. Dessa forma, disfarçavam para que seus opressores não identificassem como método de rebeldia e busca da liberdade. Realizamos uma brincadeira cujo objetivo era identificar a presença de capitão do mato por perto e disfarçar o treinamento em dança. Os alunos estavam praticando alguns golpes, cada um imaginando como poderia ser essa defesa e os ataques. Em outro momento dançamos com a ajuda de um pandeiro. O professor trabalhava alguns ritmos, sempre os modificando para que os alunos percebessem essa mudança. Realizamos outra atividade: os escravos estariam no meio do canavial em algum momento de descanso treinando sua luta. O pandeiro sendo tocado em um toque de luta como foi passado aos alunos. De repente, o toque muda e eles começam a

dançar. O toque é de samba e os escravos começam a dançar enganando assim o capitão do mato ou qualquer outra pessoa para que não pudessem perceber os treinamentos. Os alunos nesta aula estão acumulando conhecimento cada vez mais complexos, fazendo com que reelaborem os que tinham aprendido nas aulas anteriores, e relacionando como os treinamentos e os disfarces serviam de camuflagem da luta pela liberdade. Como em toda sala existem crianças que se destacam em relação às outras, esses alunos começavam a se movimentar diferenciadamente e os outros tentavam copiar. O conceito de zona de desenvolvimento proximal mostra-se presente nesta proposta.

Referencias Bibliográficas

BRASIL. Referencial Curricular Nacional Para A Educação Infantil. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, 1998.

BRITO Elto Pereira de. **Fundamentos da capoeira**. 2. Goiânia: Grafset, 1999.

COTRIN, Gilberto. **História e consciência do Brasil**, 2ª EDIÇÃO 1995.

DARIDO, Suraya; ANDRADE, Irene Rangel Conceição de. **Educação Física escolar**. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

FIGUEIRA, Garcia; DIVALTE; **História: volume único**: livro do professor 1ª Edição São Paulo: Ática, 2005.

FONSECA, Vivian; **A capoeira contemporânea: antigas questões, Novos desafios**. Rio de janeiro: Revista de Histórias do esporte, volume1, 2008.

Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental Educação Física**. Brasília, 1997, p.29.

Revista História do esporte, volume 1, numero 1, de 1 de junho de 2008.

SILVA, Gladson de Oliveira. **Do engenho a universidade**, 2ª Edição. São Paulo: Copy Set Reproduções, 1993.

SILVA, Gladson de Oliveira; HEINE, Vinicius. **Capoeira**: um instrumento psicomotor da cidadania. São Paulo: Phorte Editora, 2008.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **A educação física na roda de capoeira: entre a tradição e a globalização.** Dissertação de Mestrado. Unicamp: Campinas-SP, 2002.

SILVA, Paula Cristina da Costa. **O ensino – aprendizado da capoeira nas aulas de educação física escolar.** Tese de Doutorado. Unicamp: Campinas-SP, 2009.

SOARES ET AL. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992. (Formação dos professores).

<http://www.centralesportiva.com.br/portal/noticia?idMateria=1244246420>
acessado em 07/02/2012.

<http://www.wu-wien.ac.at/usr/h96b/h9650297/cap-basics.html>